

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

Hussein Mohamad Taha

SEGURANÇA INTERNACIONAL

Curitiba
2004

SEGURANÇA INTERNACIONAL

Hussein Mohamad Taha

SEGURANÇA INTERNACIONAL

**Trabalho realizado como requisito
obrigatório para obtenção do Título de
Bacharel em Relações Internacionais sob a
orientação da Professora:**

Nilvia Maria Marques

CURITIBA

2004

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me concedido saúde, e todas as chances nesta vida, aos meus pais que sempre me apoiaram em todas os meus momentos, a minha orientadora Nilvia Maria Marques, por toda ajuda e paciência que deu a min, aos meus colegas que me ajudaram e deram muito apoio nas horas difíceis, a todos meus professores e professoras que sempre foram além de professores amigos e companheiros, agradeço aos meus amigos que me ajudaram a enfrentar essas horas de dedicação com meus estudos, e a Scheyla Mara Furlam, a toda paciência que teve comigo, ao meu grande amigo Licurgo por toda ajuda que me deu em relação a esta trabalho.

Dedicatória

Dedico este trabalho, a meus familiares que sempre estão do meu lado e a todos aqueles, que direta ou indiretamente me ajudaram neste trabalho e durante o curso inteiro.

Em nome de Deus, o clemente o misericordioso.

Louvado seja Deus, senhor do universo

Clemente o misericordioso

Soberano do dia do juízo

Só a ti adoramos e só a ti imploramos ajuda!

Guina-nos à senda reta,

À senda dos que agraciaste, não à dos
abominados,

Nem a dos extraviados.

Sura 1 “Al Fátiha” (A Abertura)

Sumário

1. Introdução.....	01
2. 1º Capítulo Segurança Internacional Na Guerra-Fria.....	10
2.1 A formação do Império americano.....	10
2.2 A formação do Império socialista.....	12
2.3 Período da Guerra-Fria.....	13
3. 2º Capítulo Por que Atacaram os Estados Unidos?	20
3.1 Definição de Terrorismo.....	29
4. 3º Capítulo Conseqüências pós 11 de Setembro de 2001.....	37
5 Conclusão	45
6 Referências	47
6.1 Livros,.....	49
6.2 Periódicos.....	50
6.3 Fontes On Line.....	51
6.4 Trabalhos em eventos.....	52
6.5 Monografias, dissertações e teses.....	52
7 Anexos.....	54
7.1 Anexo discurso Bush dia 20/09/2001.....	54
7.2 Anexo discurso Bush dia 11/09/2001.....	67
7.3 Anexo Tabela de principais Tribos Iraquianas.....	70

Lista de Siglas e Abreviaturas

- Organização das Nações Unidas - ONU
- Estados Unidos da América - EUA
- União europeia - UE
- União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. - URSS
- Organização Abu Nidal - ANO
- Grupo Abu Sayyaf
- Grupo Armado Islâmico - GIA
- AUM Shinrikio
- Exército Basco de Libertação – ETA
- Gama ´a al-islamyya – Grupo Islmâmico
- Movimento de Libertação Islâmica - HAMAS
- Harakat- ul-Mujahidin – IMU
- Jihad Islâmica Egípcia – Al Jihad
- Kahane Chai – KACH
- Partido dos trabalhadores do Curdistão – PKK
- Liberation Tigers of Tamil Eelam – LTTE
- Organização Mujahidin-e Khalq – MEK
- Exército de Libertação Nacional – ELN
- Jihad Islâmica Palestina – PIJ
- Frente de Libertação da Palestina – FLP
- Frente de libertação Popular da Palestina – FPLP
- Comando Geral da PFLP – PFLP-GC
- Al-Qaeda
- Real IRA
- Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – FARC
- Núcleo Revolucionário ex-ELA
- Organização Revolucionária 17 de Novembro
- Exército/ Frente Revolucionária de Libertação Popular DHKP/C
- Sendero Luminoso SL
- Forças Unidas de Autodefesa da Colômbia - AUC

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar a transformação que a segurança internacional sofreu após a Guerra-Fria, durante o período pós Guerra-Fria, de 1989 a 2001, e sua redefinição após os atentados de 11 de Setembro de 2001 tentando explicar alguns dos motivos que levaram a este acontecimento que mudou para sempre a história da humanidade.

Mostrar e analisar as chances de uma vitória da coalizão em relação à guerra contra o terrorismo, a caçada aos responsáveis pelo 11 de Setembro de 2001, a reconstrução do Iraque, Afeganistão e responder se os Estados Unidos mereceram esta retaliação por quase 50 anos de dominação cultural, militar, política e financeira em relação a países do terceiro mundo, e responder se o imperialismo que os Estados Unidos impuseram ao mundo é responsável por tal barbárie.

Palavras-Chaves: Terrorismo, Segurança Internacional, Teoria Realista, ONU, Intervenção Humanitária.

Abstract

This work has as objective to show the transformation that the international security suffered after the Cold War, during the period from 1989 to 2001, and its redefinition after the attempted against ones of 11 of September of 2001 terrorism attack one to explain some of the reasons that had led to this event that forever changed history of the humanity. To show and to analyze the possibilities of a victory of the coalition in relation the war against the terrorism, the hunted one to the responsible ones for the 11 of September of 2001 reconstruction of Iraq, Afghanistan and to answer if the United States had almost deserved this retaliation per 50 years of cultural domination, to militate, politics and financier in relation the countries of the third world and to answer if the imperialism that the United States had imposed to the world they are responsible for such barbarity.

Key words : Terrorism, International Security, Realistic Theory, ONU, Humanitarian. intervention

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo mostrar la transformación que la seguridad internacional sufrió después de la Guerra-Fría, durante el periodo [pós](#) Guerra-Fría, de 1989 [a](#) 2001, y su redefinición después de los atentados de 11 de Septiembre de 2001. Intentado explicar algunos de los motivos que llevaron a este acontecimiento que cambió para siempre la historia de la humanidad.

Mostrar y analizar las oportunidades de una victoria de la coalición en relación la guerra contra el terrorismo, la cacería a los responsables por el 11 de Septiembre de 2001, reconstrucción de Irak, Afganistán y responder si los Estados Unidos merecieron esta represalia por casi 50 años de dominación cultural, militar, política y financiera con relación a países del tercer mundo y responder si el imperialismo que Estados Unidos impusieron al mundo es responsable por tal barbarie.

Palabras-Chaves: Terrorismo, Seguridad Internacional, Teoría Realista, ONU, Intervençon Humanitaria.

1. INTRODUÇÃO

Talvez o mundo nunca mais seja o mesmo, após o dia 11 de Setembro de 2001, mas uma coisa é certa as Relações Internacionais, e principalmente um choque cultural, entre ocidente e oriente, e os conflitos religiosos, envolvendo as principais religiões do mundo nunca estiveram tão evidenciados quanto agora, e provavelmente Irã demorar para sair desta evidência.

Não podemos dizer que os árabes são terroristas, ou que os muçulmanos sejam terroristas, o que é muito comum quando ocorre um atentado, pensamos que foi um árabe, ou muçulmanos, que muitas vezes são denominados fundamentalistas¹, mas se olharmos para outros lugares do mundo veremos por exemplo na Europa ETA, (ver lista de siglas), o IRA, na América do Sul As FARC e tantos outros que volte e meia comentem atentados, seqüestro e muitas vezes são mais covardes e cruéis do que muitos grupos “terroristas muçulmanos”

Este trabalho tem como objetivo mostrar como a segurança internacional foi afetada, pós-11 de Setembro, que foi sem dúvida nenhuma o episódio que marca o fim do período pós Guerra-Fria, onde o tema Segurança Internacional tinha a maior importância na agenda internacional. Neste período tinha-se um grande inimigo, definido, com nome e rosto, sabendo-se onde ele estava e o que poderia fazer, quais armas possuía e como poderia atacar. Ou ele era Comunista, (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas –

¹ Fundamentalista, é a pessoa que vai ao fundo

URSS) com um grande poder de destruição ou ele era Capitalista, (Estados Unidos da América - EUA) também com um enorme poder de destruição já comprovada no final da Segunda Guerra Mundial, com as duas bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki. Neste episódio, claramente os americanos mostram aos Soviéticos que eles (americanos) possuem a bomba atômica, que detêm a tecnologia de construção da bomba, que ela funciona e que podem utilizá-la novamente no momento em que achar necessário como no caso do Japão², gerando um período de grande instabilidade e medo, tanto política como militar de ambos os lados, com crises e revoluções por várias partes do mundo. Isto ocorre tanto do lado americano, como do lado Soviético, que várias vezes travaram guerras indiretas, como no caso das Coréias, Vietnã, Afeganistão e em Cuba, casos que serão lembrados no primeiro Capítulo deste trabalho, como a crise dos mísseis, um dos piores eventos em que a humanidade parou para ver o que poderia ser o fim do mundo, já que os Soviéticos não pretendiam desistir de colocar mísseis nucleares em Cuba, “uma pedra no sapato americano”³.

Isto ocorre até os dias de hoje, na divisão da Alemanha, Oriente Médio, e tendo várias revoluções financiadas pelos americanos na América Central e do Sul, também na Ásia, e também por parte dos Russos, para evitar o avanço Comunista, ou o avanço Capitalista, financiando Estados como no caso da Guerra Irã x Iraque, onde os Estados Unidos financiaram o Iraque contra Revolução dos Aiatolás na década de 80, e os Russos

² O Japão sofre com a dariação das bombas nucleares lançadas em Hiroshima e Nagasaki, no momento da explosão das bombas cerca de 200.000 mil pessoas morreram e a ate hoje pessoas com problemas por efeito da radioatividade nascem com sérios problemas.

³ Cuba sofre por parte dos Estados Unidos severas sanções econômicas, o que gera uma grande pobreza em Cuba, o motivo alegado pelos Estados Unidos é que Cuba democrático, tanto que na criação da ALCA um dos requisitos para fazer parte desta área livre é obrigatório ser uma país democrático.

patrocinaram e apoiaram os Iranianos. Mais tarde o Iraque de Saddam Hussein torna-se inimigo americano, por receber apoio do governo da Rússia, (na época ainda como URSS), e por que os Estados Unidos dão apoio tanto militar como financeiro, e diplomático na ONU, principalmente no Conselho de Segurança, para o Estado de Israel, contra qualquer resolução que vá de encontro aos interesses do Estado de Israel, ou até avalizando qualquer ato do governo Israelense contra árabes, principalmente os Palestinos o mesmo fato acontece também no Afeganistão, quando os Soviéticos invadem e os americanos financiam e treinam guerrilheiros como no caso de Osama Bin Laden, que mais tarde se torna inimigo americano. Osama Bin Laden foi recrutado pelos americanos já que os Soviéticos eram ateus, ou seja para um muçulmano como Bin Laden isso era inadmissível, ele (Bin Laden) acreditava que por os soviéticos serem ateus na sua grande maioria, ninguém poderia exercer sua fé

Já os Soviéticos financiaram vários países do Leste Europeu como a Polônia, Hungria, também houve a Guerra das Coréias, que se dividem em Coréia do Norte, que é apoiada pela União Soviética, e a Coréia do Sul apoiada pelos Estados Unidos.

Neste momento surge uma corrente nas Relações Internacionais que é denominada de Realismo que tem como um de seus temas a questão da Segurança Internacional ou *High politics*, ou seja a alta política que sugere que a política de segurança tanto nacional como internacional seja de alta relevância deixando temas como, saúde, educação, ação social em segundo plano. Para os Realistas o Estado é o único ator e principal, também é um ator racional que busca maximizar suas metas de política externa, e no campo de atuação tem como foco principal a manutenção da segurança

nacional, isto na Guerra-Fria, posteriormente aos atentados esses objetivos no campo de atuação mudam tendo como foco além da manutenção da Segurança nacional a Segurança Internacional.

Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, que antecede a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991, o tema Segurança, fica em segundo plano, e os Realistas são colocados de lado junto com a teoria da *High politics* que é substituída pela *Low politics* que nada mais é do que a substituição de prioridades onde a Segurança Internacional e Nacional ficam em segundo plano. Neste momento entram em cena os Pluralistas que defendem que o Estado não é mais o ator principal, agora entram em cenário os atores não estatais. Para os Pluralistas o Estado pode ser desagregado em vários setores com ação transacional, a política externa dos Estados na visão dos Pluralistas tem processos decisórios transacionais envolvendo conflitos, barganhas coalizões e compromissos nem sempre otimizando resultados, e tem como objetivo no campo de atuação uma agenda múltipla com temas referentes a bem-estar, economia e desenvolvimento social que muitas vezes são tão importantes ou mais do que segurança.

No entanto no dia 11 de Setembro de 2001 muita coisa iria mudar, inclusive a teoria de segurança. Os Realistas deixados de lado no fim da Guerra-Fria, voltam a cena, agora como neo-realistas, com os eventos ocorridos em Nova York e Washington, só que agora o inimigo não é mais conhecido, ele não tem uma forma, não tem um rosto, não se sabe onde ele se encontra, muito menos onde ele pode atacar, quando ele pode atacar, o que poderá ser atacado, e como poderá ser o ataque. Isto põe o mundo em alerta novamente; e gera uma redefinição de Segurança Internacional, o inimigo é denominado

de “Terrorismo”, as leis de muitos Estados são alteradas, principalmente nos Estados Unidos, onde surgem várias definições de terrorismo segundo Noam Chomsky⁴

- “Ato de terrorismo quer dizer qualquer atividade que*
- a) envolva um ato violenta ou uma séria ameaça à vida que seja considerado direito pelos Estados Unidos ou qualquer outro Estado, que seja delito assim reconhecido, se praticado dentro do território jurisdicional americano ou de qualquer outro Estado;*
 - b) b) aparente ser uma intimidação ou coerção a população civil; (ii) influencie a política governamental por meio de intimidação ou coerção; ou (iii) ameace a conduta de um governo por um assassinato ou seqüestro”.*

Além destas definições, procura-se uma explicação de por que os Estados Unidos foram atacados, para se entrar nos Estados Unidos as regras ficam mais complicadas, a opinião pública prega contra árabes e muçulmanos em várias cidades dos Estados Unidos e do mundo. Os Estados Unidos desafiam a humanidade: “Cada nação, em cada região, tem agora uma decisão a tomar: ou vocês estão conosco ou estão com os terroristas” (ver anexo 7.1)⁵. É com isso criado uma lista denominada de “Eixo-do-Mal”, que são países que são acusados pelos Estados Unidos de financiar grupos terroristas e a partir deste momento mudam sua política de Segurança Internacional, onde aliados e adversários do passado são colocados lado a lado e acusados de serem financiadores do terrorismo, o novo inimigo, veremos algumas definições de terrorismo no segundo Capítulo.

Desde a Guerra Civil Norte americana, e do ataque a *Pearl Harbor* (base Norte Americano no Pacífico) no fim da Segunda Guerra Mundial, os americanos não foram

⁴ Segundo CHOMSKY, Noam, 11 de Setembro, ano 2002 pg17, Bertrand Brasil

⁵ Discurso proferido no dia 20 de Setembro no congresso Norte-americano pelo presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush.

mais atacados, e nunca jamais, sofreram um ataque externo em seu território. Então por que se preocupar com Segurança Internacional? Já que eles se tornaram a superpotência detentora de um exército invejável, e mesmo se somarmos todos os orçamentos militares do mundo não chegaremos nem a metade do que os Estados Unidos gastam com Segurança todos os anos. Teria sido os eventos de 11 de Setembro uma falha na Segurança norte americana? Se os americanos sabiam com antecedência de um possível ataque, porque não se defenderam? Eles não levaram a sério pensando que era um alerta falso, ou eles realmente falharam pensando que ninguém poderia atacar a superpotência? Será mesmo que a coalizão liderada pelos americanos poderão vencer a “Guerra contra o terrorismo”? A mesma guerra que o governo norte americano elegeu como prioridade, e conclamou a Comunidade Internacional para lutarem juntos contra o terrorismo, “Cada nação, em cada região, tem agora uma decisão a tomar: ou vocês estão conosco ou estão com os terroristas” (ver anexo 7.1)⁶ em cada região tem uma decisão a tomar, ou estão ao nosso lado ou estão ao lado dos terroristas!”, e com isso consegue apoio de vários países, incluindo o da Espanha que em 11 de Março de 2004, sentiu na pele o que talvez não tenha o mesmo valor do que os ataques contra os americanos, só que desta vez o resultado foi muito maior, os Espanhóis, mudam de postura e saem do Iraque, e nas eleições dão a vitória ao partido de oposição. O ataque foi executado pela Al-Qaeda, nas estações de trem de Madri matando cerca de 200 pessoas e deixando centenas de feridos, a alegação

⁶ Discurso proferido no dia 20 de Setembro no congresso Norte-americano pelo presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush.

para realização dos atentados foi o apoio dado pelos espanhóis a coalizão que interveio militarmente no Iraque.

Após o dia 11 de Setembro de 2001, cresceram no mundo vários sentimentos, uns tinham ódio dos Estados Unidos e diziam que eles mereceram, outros começaram a ter ódio dos árabes. Em muitos países e até mesmo nos Estados Unidos houveram perseguições contra muçulmanos e contra os árabes. No entanto, o que muita gente esquece neste momento é que nem todo árabe é muçulmano, nem todo muçulmano é radical ou Xiita (como se costuma dizer quando uma pessoa é radical, e nem todo radical é fanático a ponto de ser terrorista. Muito pelo contrário, o próprio Alcorão prega a paz, mas há muitos que defendem o terrorismo, como o Xeiue Hahmed Yassim morto por helicópteros Israelenses, ele era considerado o pai dos homens bombas e tinha um sonho, varrer os Estado de Israel do mapa, que no fundo pode até ser um dos motivos do ataque do dia 11 de Setembro de 2001, nos Capítulos seguintes.

Seria até um exagero dizer que em 1945, quando a ONU (Organização das Nações Unidas) cria o Estado de Israel, que ela estava criando o 11 de Setembro de 2001. Mas se pararmos para analisar, desde a criação do Estado de Israel, a região do Oriente Médio não vive em paz, são Guerras e invasões, mais Guerras, atentados e mais invasões. Talvez nunca exista uma perspectiva de paz naquela região, e não que os governantes dos dois lados não queiram a paz muito pelo contrário, o que ocorre é que dos dois lados existem fanáticos com atividades que vão contra o processo de paz.

No primeiro Capítulo tratarei de como era discutida a Segurança Internacional durante a Guerra-Fria, como ela era vista como os Estados se defendiam do seu inimigo que naquela época era claro, ou seja, você sabia quem ele era.

No segundo Capítulo será mostrado que com o fim da Guerra-Fria, ou seja com a vitória dos Estados Unidos da América, o mundo se rende aos americanos e tem neles o símbolo de superpotência, uma superpotência imbatível, indestrutível. E ninguém jamais imaginou ataca-los, pois muitos os temiam e durante décadas eles foram gerando inimigos e um sentimento “anti-americano” muito grande.

O inimigo é outro desta vez não tem rosto, não se sabe onde ele está, e muito menos como pode atacar, que armas possui, e como poderá utilizar.

No terceiro Capítulo será mostrado como a nova política de Segurança Internacional americana influenciará alguns países do Oriente Médio, na Europa, e na ONU, se os americanos continuarão nesta Guerra contra o terrorismo, ou se seguirão um novo rumo.

E que rumo poderão seguir. Como será talvez a relação americana com o Estado de Israel no caso palestino, na relação com o Estados Árabes e seus grandes inimigos, como a Coréia do Norte, o Irã?

A reconstrução do Iraque outro ponto importante, arrasado pela Guerra e colocado em uma enorme Guerra civil que nem mesmos os próprios iraquianos, se entendem e sabem contra quem estão lutando.

Não sabem se estão lutando contra os “invasores”, que dizem estar os libertando de um grande tirano, que um dia foi aliado americano, ou se eles estão lutando contra

outras etnias como os Xiitas ou os Curdos, Saddam Hussein hoje é um prisioneiro de Guerra, e devemos considerar que muitos iraquianos ainda o reconhecem como seu grande líder, é um grande desafio para a administração americana, restabelecer a ordem no Iraque, que mesmo tendo um ditador, (não importa neste momento se ele era bom ou não), mas sim se havia ordem em um país que hoje possui um governo provisório e pretende ser um Estado democrático não se tem essa ordem. Toda hora pondo em risco a democracia e este é um grande desafio para o governo americano.

Espero que este trabalho contribua para o estudo de Segurança Internacional nas Relações Internacionais. Quero afirmar que este trabalho não defende nem um lado nem outro, apenas pretende mostrar como a Segurança Internacional foi afetada e por que os Estados Unidos foram atacados. Sem defender os métodos, já que não se justifica, por mais compreensível que seja, nada justifica o método desprezível de revanche.

Os atentados nos Estados Unidos em 11 de Setembro de 2001, somados todos os acontecimentos mais recentes como em Casablanca, Riad, Istambul, Moscou, Haifa, Jerusalém, Espanha, Bali, Iraque, entre outros, só podem despertar repugnância e aversão. Pretendo neste trabalho responder a seguinte questão: A política exterior dos Estados Unidos teria incitado a estas terríveis represálias?

2. SEGURANÇA INTERNACIONAL NA GUERRA-FRIA

A Guerra-Fria era uma disputa de poder entre dois Impérios: um Socialista e outro Capitalista. Durante quase 40 anos os dois impérios fizeram Guerras indiretas e por isso este período ficou conhecido como Guerra-Fria. Mas como estes impérios se formaram é o que veremos. Primeiramente a formação e o pensamento do império americano, posteriormente veremos a formação e o pensamento do império Soviético.

2.1 FORMAÇÃO DO IMPÉRIO AMERICANO

Os Estados Unidos foram uma colônia de povoamento da Inglaterra, o que gerou um desenvolvimento maior, já que se buscava o crescimento da colônia. Com isto, os Estados Unidos se desenvolveram mais rapidamente, mas o surgimento de uma grande potência ocidental só se deu com o fim da Primeira Guerra Mundial, e se consolidou apenas no fim da Segunda Guerra Mundial com a decadência de grandes potências européias arrasadas pela Segunda Guerra. A descolonização da África e da Ásia, o aparecimento de uma outra potência, a União Soviética, fizeram com que os Estados Unidos emergissem como a grande potência hegemônica capitalista do ocidente. Essa grande hegemonia se deu nos campos militares, diplomáticos e econômicos.

Com esta hegemonia, os Estados Unidos criam o sistema *Brethon Woods* onde é feita a conversão dólar – ouro, neste caso, os Estados Unidos trocaram ouro por dólar e

com isto acabam universalizando o dólar deixando esta moeda como uma moeda universal nas trocas comerciais e como referência no câmbio mundial.

No setor militar, a posse da bomba atômica e sua utilização em Hiroshima e Nagasaki pelas forças armadas americanas conferem aos Estados Unidos uma posição de destaque e comando no mundo Capitalista.

Já no campo Diplomático, os Estados Unidos possuem uma grande força, e durante anos essa ditou o rumo da política internacional dos países Capitalistas e com isso conseguiram um expansionismo em muitos cantos do mundo. Isto se deu principalmente no continente americano, onde os Estados Unidos conquistaram mais territórios e se impuseram em outros, governos militares e derrubaram governos que eles acreditavam não seguir a política americana.

Estes são alguns exemplos:

1898 – Anexação do Havaí, Guam, Filipinas e Porto Rico

1899 – Domínio sobre Samoa

1901 – Imposição do protetorado sobre Cuba

1903 – Construção do canal do Panamá e estabelecimento de controle sobre a zona do Canal

1905 – Imposição do semi protetorado sobre São Domingos (atual República Dominicana)

1912 – Ocupação da Nicarágua

1914 – Ocupação do Haiti

1916 – Compra das Ilhas Virgens à Dinamarca

Houve também a fase do expansionismo planetário, mas não com invasões militares, e sim como invasões diplomáticas e financeiras, no caso da Europa, onde os Estados Unidos criaram o plano Marshall, que financiou a reconstrução dos países arrasados pela Guerra como a Alemanha, Itália, entre outros. Isso, indiretamente já fazia parte de uma política de segurança para evitar que o inimigo conquistasse estes países como aliados, o que poderia ser mortal para os Estados Unidos nesta Guerra.

2.2 A FORMAÇÃO DO IMPÉRIO SOCIALISTA

Em 1917, a revolução de Outubro levou ao poder Lenin e seus camaradas. Os Comunistas herdavam um império multinacional com dimensões continentais, constituído por povos de origens e culturas distintas e marcantes diferenças lingüísticas e religiosas. Os Comunistas enfrentaram uma dolorosa Guerra civil (1918 – 1921), nesta fase, as potências europeias armavam diretamente as facções contra-revolucionárias e financiaram a formação de tropas anti-bolcheviques. Os Comunistas no poder defenderam-se, suspendendo os partidos de oposição e, em, seguida proibiram as disputas políticas dentro do próprio partido Comunista. Essas medidas ditatórias foram encaradas como “provisórias”, mas viriam a se tornar definitivas.

Quando Lenin morreu, em 1924, a ascensão de Stalim já permitia antever a formação de uma nova autocracia, e os comissionários Comunistas começaram a se assemelhar à velha burocracia czarista. A Guerra civil não foi apenas um conflito ideológico e geopolítico. Ela foi, também, um levante dos povos conquistados pelo império russo, visando a

autonomia e a independência. Esse levante anticolonial foi manipulado pelos anti-boncheviques que procuravam restaurar a velha Rússia Imperial. Com Stalim, o entrelaçamento do partido com o Estado e a proibição de toda a vida política cultural fora do partido Comunista formaram as bases de um sistema totalitário. O sistema de partido único, centralizado dava a Moscou o controle total e absoluto sobre todos os povos do novo império, para consolidar o poder Comunista os russos eram estimulados, ou muitas vezes, forçados a se transferir para os países bálticos como a Ucrânia, Bielorrússia e o Cazaquistão, modificando a identidade das repúblicas.

Em 1939, Stalim e Adolf Hitler assinaram o tratado Pacto Germano-soviético, que foi assinado pelos respectivos chanceleres alemão quanto russo. Este acordo tinha uma série de cláusulas secretas que dividiram o Leste Europeu em esferas de influência das duas potências, através deste tratado, a União Soviética passou a ocupar a Moldávia Romena, o Oriente Polonês, e os Estados Bálticos. Stalim consegue assim restaurar as fronteiras exatas do velho império russo.

2.3 PERIODO DA GUERRA-FRIA

Com o fim da Segunda Guerra Mundial veio a decadência de antigas potências européias, e emergiram os Estados Unidos e a União Soviética como novas superpotências mundiais. O fim da Segunda Guerra Mundial ocorreu de uma maneira muito trágica, com o lançamento de duas bombas atômicas, uma em Hiroshima e outra

em Nagazaki, daí em diante o mundo se divide em duas partes sendo um bloco Socialista, e outro Capitalista. Após isto, há uma sucessão de acontecimentos que veremos a seguir.

Em 1945 as conferências de Yalta e Postdam estabeleceram as esferas de influência na Europa, e nessas conferências que estão a origem da constituição do bloco soviético do leste Europeu..

Em 1947, com o lançamento da doutrina Truman e do Plano Marshall, eclodia a Guerra-Fria, então a União Soviética começa a exercer sua influência no Leste Europeu. Os partidos de oposição são proibidos, instalando-se no local destes o sistema de partido único. O regimes nas regiões dominadas pelos Socialistas imitavam o regime da própria União Soviética.

Em 1949 surge o Comecom (Conselho de Assistência Econômica Mútua) que procurava integrar economicamente o Leste europeu. Ele foi fundado em 1949 e dele faziam parte: União Soviética, Alemanha Oriental, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia e Bulgária. através da utilização de recursos disponíveis no Leste europeu, e o encaminhamento da direção industrial a ser tomada pelos países-membros quanto ao que deveriam produzir. O Comecom visava à cooperação econômica mútua dos países do Leste europeu que vinculava a economia do leste europeu á economia soviética formando uma zona de trocas organizadas em torno do rublo, a moeda soviética. Em 1955, surge o Pacto de Varsóvia, que estabeleceu um comando soviético sobre as forças armadas dos países dominados pela União Soviética. O pacto de Varsóvia foi colocado em prática duas vezes uma vez na Hungria em 1956 e outra vez na Tchecoslováquia em 1968 quando estes países tentaram se libertar do domínio Comunista de Moscou.

“A disputa entre Socialistas e Capitalistas era essencialmente continental, no caso Socialista teve um sentido basicamente defensivo, voltados para construção de uma faixa de segurança ao longo das fronteiras exteriores do território soviético.”(O mundo contemporâneo MAGNOLI, Demétrio 1996 pg. 122)

Era impossível ser neutro, o socialismo começa a dominar a Europa Oriental. Os Estados Unidos liderando a ala Capitalista lançam a doutrina Marshall que promove uma reconstrução na Europa Ocidental principalmente nos países arrasados pela Segunda Guerra Mundial, e também financiaram a reconstrução do Japão, para que este país não fosse invadido ou torne-se Socialista. Começa uma corrida armamentista para ver que possui mais poder. Quanto melhor, mais sofisticada, e mais potente fosse a arma, mais á frente uma estaria da outra potência, e isto era inadmissível tanto para Socialistas, quanto para Capitalistas. A Guerra-Fria foi claramente um período onde tínhamos uma grande disputa pelo equilíbrio de poder, e isto gerava grandes tensões e conflitos, já que com duas potências, ou seja um mundo bipolar sempre haverá um grande equilíbrio de poder.

Hoje nós temos um mundo multipolar, onde existem vários atores como União Européia que possui uma grande força com sua PESC (Política Externa de Segurança Comum), e mesmo a Europa estando hoje dividida no caso do Iraque por exemplo, onde França e Alemanha foram claramente contra uma invasão ao Iraque. Já a Espanha e Inglaterra foram a favor, e até mandaram tropas para formar a coalizão Anglo-americana. A ONU (Organização das Nações Unidas), estava enfraquecida após a invasão do Iraque, já que o Conselho de Segurança ficou várias vezes contra a invasão, e os Estados Unidos e Inglaterra, mentiram para poder conseguir uma invasão. Hoje prova-se que tudo foi por terra, já que os próprios americanos dizem que lá (Iraque) não haviam armas de

destruição em massa (justificativa dada por americanos e ingleses para a legitimar a invasão). A China, uma grande potência emergente que mesmo ainda estando com uma economia muito aquém dos Estados Unidos é um ator de peso. Durante a Guerra-Fria essa multipolaridade não existia, existia sim uma bipolaridade entre americanos e Soviéticos, Capitalistas e Comunistas, e até mesmos nos esportes olímpicos a disputa era uma questão de honra.

O período da Guerra-Fria trouxe o desenvolvimento do armamentismo, nos Estados Unidos, e na União Soviética, bem como nos países europeus com menor escala. Nos Estados Unidos, o armamentismo gera uma vasta rede de organizações de inteligência dentro e fora das Forças Armadas, cuja expressão mais celebre é a Agência Nacional de Inteligência (CIA), atuando no plano Mundial,

“Esses organismos chegaram a definir a derrubada e a substituição de governos na América Latina e modelaram o surgimento de serviços secretos em inúmeros Estados aliados dos Estados Unidos (como a Savak iraniana, a Dina chilena e KCIA sul-coreana”. (O mundo contemporâneo MAGNOLI, Demétrio. 1996 Pg. 43)

Hoje, estes países são considerados inimigos dos Estados Unidos com exceção do Chile. Era assim que durante a Guerra-Fria os Estados se defendiam criando organizações, colocando seus homens dentro de outros Estados, evitando assim que o inimigo o dominasse antes. Mas os inimigos tiveram grandes vitórias, como os Soviéticos quando conseguiram instalar um governo Socialista muito próximo aos Estados Unidos, na ilha de Cuba. Até hoje, Cuba é Socialista, mas os Estados Unidos conseguiram uma grande vitória quando muito perto dos Soviéticos, eles conseguiram instalar um governo

Capitalista, Posteriormente conseguiram com financiamentos, ensinamentos de Guerra e envios de armas ao Oriente Médio conseguiram fazer com que os Soviéticos se retirassem do Afeganistão. É neste momento que surge Osama Bin Ladem, o homem que um dia usaria os ensinamentos americanos contra os próprios americanos e seria o homem mais procurado deste planeta, quando se aliou aos Estados Unidos ele só fez em nome da religião já que como ele acreditava que os socialistas eram ateus e assim ele não poderia exercer sua fé. Ele fez com que Russos e Americanos se unissem pelo mesmo ideal: a luta contra o terror, já que os Russos sofrem hoje com o problema na Chechênia, uma região que para os russos é muito importante pois produz uma enorme quantidade de petróleo. Para os russos perder esta área seria como perder “a galinha dos ovos de ouro”, houveram também grandes vitórias Socialistas, como a Guerra do Vietnã, que os Estados Unidos ainda hoje têm péssimas recordações, já que foi uma Guerra que os americanos perderam. Para muitos ela foi uma Guerra desleal de ambas as partes, já que tanto americanos como vietnamitas, utilizaram armas químicas. Outra Guerra que até hoje está na cabeça de muitas pessoas e a Guerra das Coréias, onde Soviéticos apoiaram a Coréia do Norte, e americanos apoiaram a Coréia do Sul. Então, até hoje as duas Coréias estão separadas tentando se juntar, mas a diferença econômica é muito grande e isto levará, anos mas o importante é que o primeiro passo já foi dado e o diálogo foi reaberto.

A Organização das Nações Unidas surgiu do esforço de mais de 50 países, após a 2ª Guerra Mundial que devastou a infra estrutura bem como milhares de vidas humanas. Criaram a ONU, com o objetivo de manter a paz e a segurança no mundo, e não permitir que as atrocidades cometidas naquele conflito voltassem a ocorrer. Foi criada a Carta da

Organização e algumas Resoluções posteriores para os casos em que poderia haver um conflito armado. O Capítulo VII em seu artigo 39, incumbiu o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas da função de determinar os casos de ameaça à paz, ruptura desta ou ato de agressão. Este Capítulo diz que:

“O Conselho de Segurança determinará a existência de qualquer ameaça à paz, ruptura da paz ou ato de agressão, e fará recomendações ou decidirá que medidas deverão ser tomadas de acordo com os artigos 41 e 42, a fim de manter ou reestabelecer a paz e a segurança Internacionais.” (Carta das Nações Unidas Editora Rio Coleção código 5 1978 pg. 26)

O termo agressão permaneceu vago até 1974, quando a resolução 3314 definiu tal termo. Dizendo que a agressão seria o uso de armas por um Estado contra a soberania, a integridade territorial, ou a independência política de outro Estado, a invasão do território de um Estado por outro, bombardeio ou emprego de quaisquer armas de um Estado contra o território de outro, bloqueio de portos ou de costas, ataque das forças armadas de um Estado às forças terrestres, aéreas, terrestres ou navais de outro. No caso de acordo entre dois Estados, onde um Estado permite que outro se encontre em seu território, a utilização das forças armadas deste, violando o acordo ou permanecer no território do receptor acaba com o acordo; permissão para que outro Estado utilize seu território para perpetrar ato de agressão em um terceiro Estado, o envio de mercenários, bandos armados ou grupo irregulares que cometam atos de forças armada , de um Estado para outro, sendo que estes atos sejam equiparados aos acima descritos, ou suas substancias participações nos ditos atos.

Também o artigo 4 da resolução n.º. 3314, afirma que o Conselho de Segurança da ONU poderá determinar que outros atos podem ser definidos como agressão, bem como o Artigo 7, que diz que:

“Nada do que foi estabelecido prejudica o direito á livre determinação dos povos, a liberdade e a independência destes, sobretudo aqueles que estão submetidos a regimes coloniais e racistas ou outra forma de dominação estrangeira”

O Artigo 6 dispõe de tal definição (agressão) mas não amplia nem restringe o alcance da Carta, sobretudo as disposições relativas aos casos onde é lícito o uso da força. Então resta perguntar quando é lícito o uso da força e conseqüentemente quando a Guerra é legítima?

Cabe ao Conselho de Segurança determinar quando existe ameaça da paz internacional, quebra desta ou um ato de agressão internacional, fazer recomendações e decidir quais medidas devem ser tomadas para manter ou reestabelecer a paz e a Segurança Internacional.

Antes de fazer o uso da força como meio de atingir os objetivos acima descritos, o Conselho de Segurança pode convidar as partes interessadas a aceitarem medidas provisórias que o Conselho julgar serem necessárias, sendo que estas medidas não irão prejudicar os direitos ou pretensões das partes interessadas.

Vale lembrar que o Capítulo VII, nos artigos 52 e 53, da Carta das Nações Unidas autoriza a ação de forças constituídas a partir de acordos regionais, desde que autorizadas pela ONU e esgotadas todas as tentativas de solução pacífica do conflito.

3. POR QUE OS ESTADOS UNIDOS FORAM ATACADOS?

Desde o fim da Guerra-Fria, a política americana é unilateral e indiferente às outras nações, neste ponto ela não é fundamentalmente distinta daquela das outras grandes potências. No transcorrer dos últimos vinte anos, os americanos bombardearam a Líbia, Granada, o Panamá, a Somália, o Haiti, o Afeganistão, o Sudão, o Iraque e Iugoslávia. Muitas delas foram contra muçulmanos e várias representaram violação das leis Internacionais, elas engendraram ódio contra os Estados Unidos, sobretudo quando fizeram vítimas, em contrapartida, os americanos estavam cientes do genocídio de 1994, em Ruanda e se abstiveram de assistir as tropas das Nações Unidas presentes no país, pretensamente para manter a paz.

Os atentados de 11 de Setembro de 2001 foram sentidos por muitos povos como uma justa represália pelas humilhações e opressões impostas, apoiadas ou toleradas por uma superpotência que quer ser sozinha a polícia do mundo.

Podemos dizer que os ataques tenham sido uma vingança por quase 50 anos de domínio tanto militar como econômico através de “Intervenções Humanitárias”. Com o fim da Segunda Guerra Mundial alguns fenômenos mudam a história na segunda metade do século XX. Em seu discurso logo após os ataques às torres gêmeas, Bush diz: “Eles odeiam os Estados Unidos por que eles vêm nesta câmara um governo “democraticamente eleito” (até hoje se questiona a vitória de Bush sobre seu rival Al Goore que todos sabem que ganhou a eleição americana). “Seus líderes (os terroristas) são auto-designados, eles

odeiam nossas Liberdades: Liberdade de crença, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de eleição e de reunião, e de discordar uns dos outros.”

Na obra “O Waterloo de Israel?” David Duke questiona o presidente dizendo que esta afirmação é totalmente falsa, já que quem atacou os Estados Unidos nem liga para a liberdade Americana e muito menos para o tipo de governo que os americanos têm. E realmente Osama Bin Laden não tem esta cultura toda. Yossef Bodansky em sua obra “Bin Laden o homem que declarou Guerra à América”. Conta que ele é um homem com conhecimento em informática que é engenheiro formado, com pouco mais de quarenta anos, natural da Arábia Saudita, vivendo em uma caverna do Afeganistão, ou vivia até os americanos começar a procurá-lo no Afeganistão, Osama Bin Laden é casado com quatro mulheres e tem quinze filhos, mas Osama Bin Laden resolveu largar uma provável carreira de sucesso e ser bilionário pelo direito de encarar sua “Jihad” (Guerra Santa, que na época que Maomé queria doutrinar a África e outros países na região do Oriente Médio, foi denominada Guerra Santa, já que era uma Guerra para islamizar as pessoas que não eram muçulmanos, “santa” ou “justa” (este termo até hoje é empregado talvez de forma incorreta mas é empregado) este termo empregado como se os terroristas fossem mártires e que quando se suicidam eles estariam fazendo a guerra santa na realidade isto não é verdade eles apenas lutam por uma causa.

Por que os Estados Unidos apoiam Israel? Na revista “Qual é o assunto no seu 1º número tentam responder esta pergunta dizendo que:

“É complicado apontar um único motivo para o apoio norte-americano a Israel, mas é preciso levar em conta que nos Estados Unidos está a maior população Judaica de todo o mundo, uma comunidade maior até do que existente em Israel. Também por sua excelente condição financeira esta comunidade é vista com grande importância na América. Outro motivo apontado pela revista é que Israel é a única democracia na região que tem como predomínio a teocracia como forma de regime político. Revista Qual é o assunto N° 1 ano 1pg. 10 editora Escala”

O mundo árabe não está unificado, e ele só representa próximo de 12% da população muçulmana no mundo. Quanto à religião islâmica, ela compreende correntes muito diversas das quais algumas estão engajadas em conflitos irreduzíveis. O fato de sacrificar sua vida para desempenhar o papel de kamikase só pode ser explicado se existir uma certa fé em algo que vai além, e portanto uma certa visão religiosa.

O que isto tudo tem a ver com segurança internacional? George W. Bush declarou Guerra ao terrorismo e ainda convidou o mundo para esta grande empreitada. “Cada nação, em cada região tem uma a decisão a tomar ou estão conosco ou com os terroristas,” (ver anexo 7.1), e prometeu que iria caçar cada terrorista onde quer que ele estivesse. Desse discurso em diante se redefine a Segurança Internacional, como já foi falado durante a Guerra-Fria você sabia quem era seu inimigo, hoje não se sabe quem ele é. Apenas o chama pelo nome de “Terroristas” e acusa-se países de colaborarem com eles, e se designa até uma lista que se denominada “Eixo-do-Mal”. Os Estados Unidos tem uma lista de organizações terroristas elencados na obra “11 de Setembro” de Noam Chomsky, que descreve detalhadamente esta lista e mostra o novo documento que define o que é terrorismo para os Americanos.

O Immigration and Nationality Act define as atividades terroristas como: qualquer atividade que seja considerada ilegal sob as leis do lugar onde for cometida (ou, caso cometida nos EUA, se for ilegal sob as leis dos EUA ou qualquer Estado dos EUA), envolvendo: (CHOMSKY, Noam, 11 de Setembro, 2001 pg.146)

- I) Seqüestro ou abordagem de qualquer meio de transporte (incluindo aviões, navios ou outros veículos)
- II) Captura ou detenção, ameaça de morte, de injúrias físicas, ou prolongamento da detenção de qualquer indivíduo com o objetivo de obrigar um terceiro (incluindo ai entidades governamentais) a participar ou deixar de praticar determinado, como condição implícita ou explícita para liberação do indivíduo capturado ou detido.
- III) Ataque violento contra um indivíduo sob proteção internacional (como definido na seção 1116(b) (4) do título 18 do U.S Code) ou contra liberdade dessa pessoa.
- IV) Assassinato
- V) O uso de Qualquer
 - A) Agente Biológico, químico, arma ou equipamento nuclear
 - B) Explosivos ou armas de fogo (visando outro propósito que não o ganho monetário), com a intenção de por em perigo, direta ou indiretamente, a segurança de um ou mais indivíduos, ou causar danos substanciais à propriedade.
- VI) Uma ameaça, atentado ou conspiração a qualquer dos aspectos anteriores.
 - c) O termo “engajamento em atividade terrorista” significa cometer, individualmente , ou como membro de uma organização, um ato de

terrorismo internacional ou um ato que o praticante saiba, ou sobre o qual deveria saber, considerando-se o que é razoável, que esta em condição de servir de apoio material a qualquer indivíduo, organização ou governo que conduza uma atividade terrorista a qualquer momento, incluindo ai os seguintes atos:

- 1) Preparativos ou planejamentos para atividades terroristas
- 2) Reunião de informação sobre possíveis alvos de atos terroristas
- 3) Fornecimentos de qualquer tipo de apoio material, transporte, comunicação, documentos falsos ou identidades, armas, explosivos ou treinamentos a qualquer indivíduo de quem o praticante do ato saiba ou tenha razão que cometeu ou esteja planejando cometer um ato terrorista.
- 4) Solicitação de fundos ou outra coisa de valor para custear a atividade terrorista ou para qualquer organização terrorista.
- 5) A solicitação a qualquer indivíduo para que este se engaje como membro de uma organização terrorista ou colaborador de um governo terrorista, ou participe de um ato terrorista.

Podemos tirar algumas conclusões desta listagem que os Estados Unidos consideram como terroristas, uma delas é que ocorrem em diversos Estados ou seja se a Guerra é contra o terrorismo, a maioria dos países mundiais terão de ser atacado ou seja teremos várias Guerras, como ocorreu no Afeganistão.

O Estado do Afeganistão não atacou os Estados Unidos mas os integrantes da rede Al-Qaeda estavam escondidos e baseados lá no Afeganistão. Os Estados Unidos chamaram esta Guerra de Guerra humanitária, enquanto eles bombardeavam o Afeganistão, jogavam dos aviões comida, muletas e remédios. Fica uma pergunta jogava-se comida e medicamentos para quem? para os mortos? Daí em diante ocorrem algumas Guerras que os americanos chamaram de Guerra preventivas. Logo após os Estado Unidos bombardearem o Afeganistão o terror volta a atacar e explode uma bomba em Bali na Indonésia matando quase 200 pessoas. Agora um inimigo antigo, que já foi aliado, incomoda a Casa Branca motivando uma aliança anglo-americana que liderados pelos Estados Unidos em conjunto com Inglaterra, Espanha, Austrália e outros países.

Contra decisão do Conselho de Segurança da ONU, invadem o Iraque sob a acusação que o Iraque liderado por Saddam Hussein, (que um dia na Guerra Irã x Iraque foi um grande aliado americano e hoje é o maior inimigo,) escondia armas de destruição em massa e estava atrapalhando os trabalhos dos inspetores da ONU. Os aliados da coalizão conseguem derrubar Saddam Hussein, mas instalam o caos no Estado Iraquiano.

No entanto no dia 11 de Março de 2004 véspera das eleições, a Espanha sofre um atentado terrorista, em represália ao apoio na Guerra ao Iraque, Este ataque muda o resultado de uma eleição e Espanha se retira da Guerra, (uma das exigências dos terroristas), seria mais uma derrota na Guerra contra o terrorismo?

Mas quais seriam as reais razões pelas quais os Estados Unidos foram atacados? Em sua obra, David Duke (ex. candidato a presidência dos Estados Unidos) enumera algumas razões. Um dos motivos enumerados pelo autor é a ajuda que os Estados Unidos dão para

Israel, e se voltarmos um pouco atrás nas Guerras, patrocinadas pelos norte americanos como é o caso das Coréias, o Vietnã, a Nicarágua, e todas as revoluções na América, também as Guerras no Afeganistão, Irã x Iraque o descaso com a África, muitas delas são as razões para existirem tantos homens dispostos a acabar com suas próprias vidas contra os Estados Unidos (não defendo se a causa é justa ou deixa de ser justa)

A criação de uma Liga das Nações mais evoluída é denominada de ONU (Organização das Nações Unidas). Com a criação da ONU, é criado junto o Conselho de Segurança da ONU onde fazem parte os vencedores da Segunda Guerra, mais o império Soviético. Ou seja o Conselho é composto por EUA, União Soviética (posteriormente a Rússia), Grã-Bretanha, França e China. É quando surge também o Estado de Israel, e surgem inúmeros conflitos, decorrentes, e alguns deles perduram até hoje e não há nenhuma perspectiva de que estes conflitos serão resolvidos tão cedo. Muitos deles foram financiados pelos Estados Unidos ou tiveram a presença militar Americana, como ocorreu no Vietnã

Durante a Guerra-Fria um tema sempre esteve em alta, a Segurança Internacional e Nacional. Várias teorias sempre estiveram por trás destes temas, a principal teorias delas é a teoria realista, que possui como perspectiva que o Estado é o principal ator onde seu campo de atuação é a manutenção da segurança nacional e posteriormente segurança internacional.

Durante os anos da Guerra-Fria os Estados Unidos financiaram vários Estados e personagens para deter o avanço Socialista, e posteriormente estes mesmos, personagens e países se voltaram, contra os Estados Unidos. Um deles é o Iraque de Saddam Hussein,

que foi financiado pelos Estados Unidos na Guerra Irã x Iraque. Saddam Hussein se torna um inimigo claro dos EUA até sua derrubada em 2003. Outro antigo aliado, e agora inimigo é Osama Bin Laden, que foi financiado e treinado pelos Estados Unidos para conter o avanço Socialista no Afeganistão, e mais tarde (por motivos que veremos no terceiro Capítulo desta monografia), gera o 11 de Setembro com isso desenterra as teorias Realistas de segurança que estavam enterradas desde a queda do muro de Berlim e dissolução do Império Socialista, que era o período conhecido como o pós Guerra-Fria.

Com os ataques de 11 de Setembro, os Estados Unidos usam a teoria realista, como uma plataforma de governo e usam vários tópicos desta teoria; como a Guerra preventiva, aplicada pelos Estados Unidos e a toda hora ameaçada contra outros países como a Coreia, Irã, Síria e tantos outros inimigos que os americanos conseguiram ao longo dos últimos séculos.

É importante refletir sobre este modelo, para que não se continue pensando, equivocadamente, que a segurança internacional é garantida através das forças das armas, pela repressão, pelo controle ou pelo policiamento exercido sobre pessoas, povos ou países, ainda que sob o argumento de combate ao terrorismo, ou à culturas, ou a ideologias, ou a formas alternativas de viver e de se organizar, estas atitudes constituem um grande erro histórico, que estão cometidos neste começo de século. (Palestra realizada no IX ENERI realizado dias 13 a 16 de Maio de 2004 pelo professor Oswaldo Dalla Giustina)

Um breve histórico sobre a Segurança Internacional durante a Guerra-Fria: Com o fim da Segunda Guerra Mundial cria-se o modelo de Liga das Nações um pouco

avançado, também surge um grande sistema bipolar, que consistia em ser aliado do Socialismo ou do Capitalismo. Cada Estado conquistado por qualquer um dos lados, era uma verdadeira vitória neste grande conflito que durou quase 40 anos e que teve grandes Guerras financiadas pelos dois lados e com momentos de grandes avanços em todas as áreas. Grandes tensões, conflitos como as Guerras das Coréias, que separaram famílias e hoje finalmente as duas Coréias tentam se unificar, Guerras como o Vietnã, também a reconstrução da Europa financiada pelos Estados Unidos de um lado e a União Soviética de outro, é dividida assim a Europa tendo este feito gerado o “muro da vergonha” (Muro de Berlim). Nele ninguém podia passar nem de um lado para outro. Mais uma vez, o mundo vê famílias separadas. Mas um medo rondava ambos os lados, a ameaça nuclear. O mundo tinha visto e ainda vê o poder de destruição desta arma, já que o Japão sofre até hoje por causa da bomba que os Estado Unidos lançaram.

Momentos de tensão como a crise dos mísseis em que os Soviéticos queriam colocar mísseis nucleares na ilha de Cuba, voltadas para os Estados Unidos. Onde os Estado Unidos colocaram seus navios em alto mar bloqueando a passagem dos navios e caso os Soviéticos tentassem passar poderia acontecer uma catástrofe. O mundo torcia diante da TV ou dos rádio, esperando até pelo pior, mas tivemos um grande avanço tecnológico-científico: o homem vai ao espaço comandado pelos Russos, mas chega a Lua comandado pelos americanos, assim se vai boa parte da segunda metade do século XX, mas um tema não sai da alta cúpula tanto americana como soviética, a Segurança Internacional e Nacional. Os dois lados gastam bilhões em segurança, armamentos mais sofisticados e vão a Guerra tentando defender seu território ou até ampliá-lo, tentado mostrar força ao

seu inimigo. Na ONU outra Guerra é travada entre com Americanos e Soviéticos pois ambos possuem poder de veto e o Conselho de Segurança fica parado por vários anos. Isto gera um enorme desconforto já que os dois Estados, vetam qualquer matéria que vá de encontro ao seus interesses.

3.1 DEFINIÇÃO DE TERRORISMO

O terrorismo pode ser definido de várias de formas, uma delas está no artigo “Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo” escrito por Eugênio Diniz e apresentado no 3º encontro Nacional de Ciência Política de 28 a 31 de Julho de 2002 em Niterói, onde ele tenta explicar alguns fatores do terrorismo, Eugênio divide seu trabalho em cinco partes na primeira ele faz uma breve introdução a respeito do terrorismo, na Segunda parte ele faz um explanação sobre os entendimentos Internacional do terrorismo, a terceira parte ele subdivide em mais três a primeira subdivisão ele fala do emprego político não terrorista e da o exemplo do bombardeio, já na segunda subdivisão ele fala da emprego político do terrorismo, na terceira subdivisão faz uma breve conclusão sobre esta terceira parte deste trabalho, na Quarta parte ele analisa um método analítico de combate ao terrorismo, e na Quinta e ultima parte Eugênio Diniz conclui seu trabalho.

Pretendo me concentrar em algumas partes especificas do trabalho de Eugênio Diniz para explicar melhor o que é terrorismo, lembrando que existem várias definições para terrorismo. Por exemplo no dicionário o termo terrorismo quer dizer: “*Sistema de governar pelo terror ou por meio de revoluções violentas ou práticas de atentados*”

(BUENO, Silveira, Minidicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, 1996 EDITORA FTD pg. 638). A palavra Terrorista também tem seu significado no dicionário: “Terrorista é a pessoa que pratica terrorismo” (BUENO, Silveira, Minidicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, 1996 EDITORA FTD pg. 638)

Vamos começar a analisar o primeiro Capítulo onde Eugênio faz uma breve explicação sobre o terrorismo dizendo que:

“Ao se pensar sobre o terrorismo, portanto, é preciso circunscrever o que faz e o que não faz parte da discussão: é preciso definir terrorismo. Essa definição não deve nos tornar parte de uma disputa política voltada para impingir a pecha de terrorista em um ou outro ator: afinal, uma das dificuldades do termo “terrorismo” é que seu uso é marcado por tentativas de desqualificar politicamente adversários; “terrorismo” é ao mesmo tempo um fenômeno político, um termo depreciativo. (Gibbs 1989: 329). Nossa definição deve, ao contrário, fornecer critérios que nos permitam inclusive avaliar a plausibilidade da designação de um ou outro ator como terrorista, funcionando também como uma maneira de analisar criticamente discursos enviesados.” (DINIZ, Eugênio, Compreendendo o fenômeno do Terrorismo)

Neste trecho claramente o autor diz que além do terrorismo ser um fenômeno político ele é um termo depreciativo, ou seja o termo terrorismo é usado para desqualificar adversários. No segundo parte o autor faz uma análise dos meios que são empregados pelo terrorismo e seus fins, o autor faz uma comparação entre alguns crimes como um seqüestro-relâmpago, um assalto a mão armada tentando distinguir um ato terrorista de um outro crime qualquer

“Como distinguir um ato terrorista de outro crime qualquer. como apontar uma arma para alguém e obrigá-lo a entregar sua carteira? Isso não seria coagir por intimidação ou medo? Não visaria a atingir “um fim” — no caso, obter dinheiro, pura e simplesmente? Que tal um seqüestro-relâmpago para obrigar alguém a sacar dinheiro de um caixa eletrônico e entregá-lo ao seqüestrador? Também não seria coagir por intimidação ou medo para atingir um fim? Ou ainda, para atingirmos o paroxismo: como distinguir entre um ato terrorista e um sistema legal, cuja eficácia assenta, em última análise, sobre o emprego da intimidação contra eventuais transgressores? Teríamos também que identificar qualquer sistema jurídico com terrorismo? Uma forma clássica de definir terrorismo foi a adotada pela Rand Corporation, ao longo dos seus quase 30 anos de pesquisa sobre o assunto. Num texto recente, Brian Jenkins assim expôs o entendimento de terrorismo ali prevalecent. Era necessário definir terrorismo de acordo com a qualidade do ato perpetrado ou a natureza da causa, (...) concluimos que uma ato terrorismo era, antes de mais nada um crime no sentido clássico, como homicídio ou seqüestro, embora por motivos políticos. Mesmo que aceitássemos a alegação de vários terroristas de que eles travavam uma guerra e eram, portanto, soldados — ou seja, combatentes reconhecidos no sentido estritamente legal —, táticas terroristas, na maioria dos casos, violavam as regras que governavam o conflito armado — por exemplo, tomar civis deliberadamente como alvo ou agir contra reféns

Reconhecíamos que o terrorismo continha uma componente psicológica – dirigia-se às pessoas que colocavam as identidades dos alvos ou vítimas concretos do ataque freqüentemente eram secundários ou irrelevantes, para o objetivo do terrorismo de disseminar o medo e o alarme ou garantir concessões. Essa separação entre as vítimas e o choque de efeito psicológico era a característica difusora do terrorismo” (JANKINS, 1999 V)

Na tentativa de entender o terrorismo, o autor apresenta as seguintes definições, retiradas de um outro autor (GIBBS, 1989 330)

“Terrorismo é o emprego ilegal de violência contra objetos humanos ou não desde que:

- 1) Seja utilizada ou ordenada com vistas a alterar ou manter ao menos uma norma presumida em pelos uma unidade territorial ou população particular;*
- 2) Tenha características de sigilo, furtividade ou clandestinidade, esperadas pelos participantes de modo a camuflar suas identidades pessoais ou sua localização futura;*

- 3) *Não seja utilizado ou ordenado para propiciar a defesa permanente de uma área.*
- 4) *Não seja uma Guerra convencional, e em função de mascaramento suas identidades pessoais, sua localização futura, ameaças ou mobilidade especial, os participantes se percebam como menos vulneráveis à ação militar convencional e;*
- 5) *Seja percebido pelos participantes como contribuindo para o objetivo normativo descrito anteriormente (supra) através do inculcamento de medo do volume de indivíduos (possivelmente uma categoria indefinida) que não os alvos imediatos da violência concreta ou ameaça ou pela publicação de alguma causa“ (GIBBS 1989 330)*

Nesta terceira parte o autor explica sobre o fins e meios utilizados pelo terrorismo, mas nesta parte ele subdivide o Capítulo em três subdivisões onde pretendo me ater apenas nas duas primeira partes que falam dos meios político não terroristas, e o emprego político do terrorismo.

É preciso novamente tentar circunscrever conceitualmente o objetivo da discussão, o autor trata o terrorismo como um “fenômeno Social” o autor diz também que:

“ A consideração dos meios nos ajudará a distinguir a ação de terroristas de outras ações cujas finalidades sejam de mesma natureza, e a consideração dos fins nos ajudará a distinguir as ações terroristas de outras ações que empregam os mesmos meios. Com isso, podemos ter uma definição suficiente. Por outro lado, uma vez que o termo já tem uma história, não é possível enfrentar o problema conceitual do zero: é preciso levar em conta essa história, sob pena de que a reflexão se torne estéril e sem sentido — quando o tema em si mesmo é tão relevante para a vida de tantas pessoas”.

Considerando os meios empregados no Terrorismo, emprego ou ameaça de emprego da força física. Só que este emprego tem uma característica específica, sua indiscriminação. O autor fala respeito desta ameaça ou emprego desta ameaça.

“Entretanto, esse emprego ou ameaça de emprego tem uma característica específica: sua indiscriminação, ou seja, qualquer pessoa que tenha qualquer tipo de ligação, por mais frágil e tênue que seja, com o alvo último de um grupo terrorista, pode ser alvo imediato de uma ação de força particular, sem que tenha pelo menos qualquer indício prévio de que seria melhor evitar aquele determinado lugar, por exemplo.

Imaginemos uma explosão em uma discoteca ou um shopping center, sem que haja por perto alguma embaixada, sem que estejam ocorrendo bombardeios na vizinhança, sem que ela sequer pertença a uma rede de franquias cuja origem pudesse ser identificada de alguma maneira ao alvo último do grupo. Indo mais longe, em determinadas situações, não é necessário sequer que haja uma explosão na discoteca ou no shopping, para nos mantermos no exemplo. Basta que alguém telefone para a polícia ou para o estabelecimento e diga que há uma bomba em determinado lugar, programada para explodir em determinadas condições. A polícia ou a segurança do local o esvaziará e encontrará — ou não — o artefato. Quando isso acontece e as pessoas ficam sabendo, generaliza-se”

O pânico, o efeito é muito maior que o da destruição causada. E quanto mais pessoas ficam sabendo, mais é o efeito. Na verdade, o efeito advém exatamente de as pessoas ficarem sabendo. É seu efeito psicológico que importa daí o nome “Terror”.

Terrorismo não é o emprego e a ameaça de emprego da força mas o emprego e a ameaça de emprego de uma maneira específico o terror. É um entendimento que o terrorismo tem motivações políticas, o autor fala do terrorismo como “O emprego para fins políticos” ou simplesmente “o emprego político do terror”. Esta afirmação do autor foi muito utilizada durante a Revolução Francesa que teve como uma de suas fases a fase do terror onde o estado mandou guilhotinar todos que eram contra a revolução.

Os ataques de 11 de Setembro de 2001, mostram claramente que os Estados Unidos, tem uma forte oposição que muitas vezes se transforma em ódio, já que nas

últimas décadas, fizeram “Intervenções Humanitárias”⁷ (Guerras) atacando países que já não tinham mínimas condições e agora muito menos. Em relação ao conceito de Intervenções Humanitárias, em sua obra *Segurança Internacional e Direitos Humanos* Simone Martins Rodrigues, ela apresenta uma definição:

“Através da história muitos pensadores e juristas definem o conceito de intervenção humanitária de diversas formas, como não há uma definição normativa fixada nos documentos de direito internacional, cabe inicialmente estabelecer as características que vão servir de especificação do termo. Assim poderemos identificar o fenômeno da prática das relações internacionais do século XX, com maior precisão.

Em principio todo o Estado é independente no que se refere a administração de seus próprios assuntos e qualquer interferência externa constitui uma violação de suas prerrogativas. O principio da soberania tem por corolário direito a garantia de não intervenção de um Estado ou de uma organização em matérias referentes ao domínio e condução da política de um governo. A origem da teoria de intervenção humanitária remonta aos primórdios do direito internacional, com as obras de Francisco de Vitória (1483 – 1546), Hugo Grotius (1583 – 1645), Francisco Suárez (1548 – 1617) e Emer de Vattel (1714 – 1767). Estes pensadores defendiam a existência de um direito civilizatório, ou seja, o direito de intervir em território alheio para fazer com que os bárbaros abdicassem de seus costumes violadores do direito natural. Grotius se opôs à possibilidade dos povos lutarem contra seus governos opressores, mas considerou lícito que outros homens tomassem as armas em seu favor. Podemos ainda salientar que a defesa de um direito de intervenção humanitária foi influenciada pela tradição da guerra justa, conceito desenvolvido por Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Tomás de Aquino e muitos outros pensadores da Idade Média. A teoria da guerra justa emergiu com a finalidade para estabelecer critérios para definir quando o uso da força era justificável, usando isto moral e religioso. A intervenção para defender os indivíduos expostos a situações degradantes, que põem em risco sua vida e sobrevivência, está intimamente ligada à idéia de se empreender uma batalha em nome de valores humanitários superiores.

A defesa de um direito de intervenção humanitária está estritamente ligada ao enfoque racionalista de Sociedade Internacional, que pode englobar aspectos legais e éticos da intervenção. No entanto, a

⁷ Conceito de Intervenção Humanitária retirada do livro *Segurança Internacional* RODRIGUES, Simone Martins, *Segurança Internacional e Direitos Humanos A Prática da Intervenção Humanitária pós-guerra fria*, Rio de Janeiro, Editora RENOVAR, 2000 pg. 91

intervenção humanitária passa a ser uma ação legítima as Sociedade Internacional quando empreendida em situações de extremos sofrimentos humano. Neste prisma, se um Estado trata sua população de forma brutal, ele está negligenciando sua obrigação de proteger seus cidadãos e, por isso, pode lhe ser negada a prerrogativa da autonomia soberana em virtude da uma decisão coletiva” (RODRIGUES, Simone Martins, Segurança Internacional e direitos Humanos, Editora RENOVAR Rio de Janeiro 2000 pg. 91 a 97)

Em outro artigo agora publicado por Carlos Augusto Canêdo Gonçalves da Silva, orientado pelo Professor Ricardo Seintefus, escreve um texto sobre algumas considerações sobre a intervenção humanitária e neste texto ele define intervenções humanitárias da seguinte forma:

“Define-se o Direito Internacional Humanitário como o “conjunto de normas internacionais, que se originam em convenções ou em costumes, especificamente destinadas a serem aplicadas em conflitos armados, internacionais ou não-internacionais, que limitam, por razões humanitárias, o direito das partes em conflito a escolher livremente os métodos e os meios utilizados no combate (“Direito de Haia”) e que protegem as pessoas e os bens afetados (“Direito de Genebra”).” (SILVA, Carlos Augusto Canêdo, Intervenções Humanitárias algumas breves considerações)

No Oriente Médio e em alguns países da África, os americanos são odiados, as vezes até mais do que seus próprios governantes americanos, isto fica claro na Arábia Saudita, Líbano, Síria por alguns simples motivos, específicos em cada país. No caso da Arábia, país que tem seu sistema de governo a monarquia, e os americanos querem democratizar este país e também querem fazer o mesmo em países onde o sistema de governo é a Monarquia caso dos Emirados Árabes Unidos, Bahrain, Jordânia, e outros. A Síria, por que foi incluída na lista do “Eixo do Mal”, nos anos 80, Estados Unidos e Síria

tiveram vários problemas diplomáticos. O Líbano porque nunca os Estados Unidos votaram a favor de uma Resolução de retirada do Estado de Israel do território Libanês, são vários motivos que levam os países do mundo árabe a terem ódio dos Estados Unidos.

4. CONSEQÜÊNCIAS PÓS-11 DE SETEMBRO

No mesmo dia do atentado de 11 de Setembro Bush faz uma declaração querendo revidar os ataques como se fossem uma declaração de Guerra (o discurso de 11 de Setembro e o pronunciamento a nação estão em anexo 1). Poucos dias mais tarde, Bush convoca a Comunidade Internacional a lutar contra o terrorismo, e muitos governos seguiram os Estados Unidos. Abalados com os ataques nos Estados Unidos, muitos países se apressaram em promulgar, em nome do anti-terrorismo, leis que definem novos crimes, proibem certas organizações, limitam as liberdades civis e reduzem as garantias contra os direitos fundamentais.

Os primeiros a fazê-lo foram os Estados Unidos, em 26 de Outubro de 2001, o Congresso aprovou uma lei denominada no momento de “*Patriot act*” ela outorga poderes excepcionais à polícia e aos serviços de informação, reduz as prerrogativas dos advogados de defesa e ameaça o *habeas corpus*, que garantem as liberdades individuais. Esta lei autoriza a prisão, deportação e isolamento de suspeitos, as autoridades podem prender e manter detidos indefinidamente os estrangeiros, suprimem também a necessidade de autorização judicial para promover interrogatórios, escutas telefônicas ou censura sobre a correspondência e as comunicações por Internet.

Em 13 de Novembro de 2003, o presidente George W. Bush instaurou por decreto, tribunais militares de exceção para estrangeiros. Criou-se o campo de concentração em Guantánamo, em Cuba, e finalmente em 5 de Janeiro de 2004 entra em vigor o programa US Visit, que obriga todos os estrangeiros que chegam aos Estados

Unidos munidos de um visto a submeter seus indicadores direito e o esquerdo a um leitor de impressões digitais, e a se deixar fotografar para entrar no país.

No Reino Unido foram estipulados processos secretos e sem júri, o que violou o artigo 50 da Convenção Europeia dos Direitos Humanos em adotar em 2001 uma lei anti-terrorista que permite deter por tempo indefinido, sem julgamento ou mesmo acusação formal, qualquer estrangeiro suspeito de constituir ameaça à segurança nacional, e por consequência internacional. Os suspeitos seriam julgados preventivamente, em processos secretos e sem júri.

Uma consequência pós-11 de Setembro foi a invasão ao Afeganistão, Estado que abrigava integrantes da Al-Qaeda entre seus líderes, alguns foram mortos, outros presos, mas muitos deles conseguiram fugir, incluindo o seu maior líder e mentor dos atentados de 11 de Setembro de 2001 Osama Bin Laden que em uma de suas aparições disse a seguinte frase:

“Juro por Deus que a América não viverá em paz antes que a paz reine na palestina e que o exercito de infiéis desocupe a terra de Maomé” (Osama Bin Laden respondendo aos ataques no Afeganistão Revista Qual é o Assunto Ano1 Nº 1 pg. 25 editora Escala)

Esta frase que foi dita por Bin Laden, em resposta as invasões do Afeganistão está publicada na revista “Qual é o Assunto n.º. 1. Esta frase reafirma que alguns dos principais motivos que levaram aos ataques terroristas é a causa palestina e a ocupação na Arábia Saudita pelos Americanos, motivo que levou Osama Bin Ladem a se rebelar

contra a monarquia Saudita e contra os Estados Unidos. E isto lhe causou a perda de sua nacionalidade ou seja a Arábia Saudita não considera Osama Bin Laden como um saudita.

Outras conseqüências foram o ataque terrorista à danceteria em Bali, a invasão do Iraque e posteriormente o ataque a base da ONU no Iraque que matou o brasileiro Sérgio Vieira de Mello diplomata que trabalhava para conseguir o mesmo feito que conseguiu em Timor Leste, dois anos e meio após o 11 de Setembro de 2001. A Europa tem em 11 Março o pior atentado da sua história, primeiramente o governo Espanhol imputou a culpa no ETA, que negou a realização de um atentado deste, e mais tarde provou-se que o atentado foi realizado pela Al-Qaeda a mesma que George W. Bush disse que iria derrotar junto com todas as “organizações terroristas”.

“Será mesmo que ele, Bush, está conseguindo vencer a Guerra contra o terrorismo, e quando vencer será que a população saíra com uma bandeiras dizendo vencemos a Guerra contra o terrorismo?”(ELIAS, Fernando Lopes Ferraz, bacharel em direito e Relações Internacionais, palestra proferida no 2º congresso de direito internacional em Curitiba entre os dias 25 a 28 de Agosto de 2004).”

Muitas foram as derrotas tanto americanas como mundiais no pós 11 de Setembro de 2001, não só os Estados Unidos sofreram com o ataque mas países que não tinham envolvimento com os atentados mais tarde passaram a ser vítimas deles. Os atentados nos mostram que a humanidade está mais longe cada dia que passa de vencer uma Guerra contra o terrorismo, e conseqüentemente da paz, do que se imagina. Não se conhece o inimigo então, não se sabe onde ele está, o que está programando e quem poderá ser a próxima vítima.

“Logo no dia do atentado de 11 de Setembro de 2001 o presidente americano George W. Bush faz um discurso todo emocionado onde promete não deixar nenhum terrorista vivo e que Irá caçá-los onde quer que eles estejam, e diz que o atentado é uma declaração de Guerra, mais tarde em um outro discurso no congresso o presidente convoca o mundo para uma grande jornada dizendo que cada país tem uma escolha a fazer ou estão conosco ou estão com eles (os terroristas)” (Revista Veja 25/09/2001)

Com estes discursos, Bush chama para si a responsabilidade de comandar o mundo nesta nova ordem Mundial, e partir daí foram vários “ataques preventivos” como passaram a se chamar as Guerras que os Estados Unidos comandaram, como a Guerra do Afeganistão e do Iraque. Na Guerra no Afeganistão temos uma novidade após os bombardeios contra um país destruído que passou por várias Guerras, a população receberia alimentos e remédios, isso passava a se chamar Guerra humanitária. Já no Iraque a Guerra é preventiva uma vez que o Iraque é um inimigo muito perigoso por supostamente possuir armas nucleares. Hoje já provado que tudo foi uma mentira para que pudesse se invadir o Iraque e derrubar o inimigo, hoje Saddam Hussein, o aliado de ontem que ajudou na Guerra contra os Aiatolás financiado, armado e treinado pelos Estados Unidos, assim como Osama Bin Laden. Como dizia Maquiavel em seu livro que ensinava o príncipe como governar. *“Os fins justificam os meios”* (Maquiavél, Nicolau O príncipe).

Ou seja não importa o que se faça para conquistar seus objetivos faça-os, e os Estados Unidos, na figura de seu presidente levaram este ensinamento muito a sério principalmente no caso do Iraque, não importa que para derrubar Saddam Hussein precise mentir. Se precisar mentir para alcançar este objetivo isto será feito. No caso aqui

descrito, os Estados Unidos junto da Inglaterra apresentaram provas falsas alegando que o Iraque possuía armas de destruição em massa e era um perigo para a humanidade e somente isto justificaria um ataque preventivo. Meses após a derrubada de Saddam Hussein e de sua prisão, o país estando um caos, os Estados Unidos dizem ao mundo que não encontraram nenhuma arma de destruição em massa e já ameaçam com sua política de Guerra preventiva a Coreia do Norte, Irã e Síria alegando que estes países estão produzindo armas de destruição em massa. Até o Brasil considerado um país pacífico, está sendo acusado pelos norte-americanos, de enriquecer Urânio, metal necessário para se produzir uma bomba atômica, ou se produzir energia nuclear. No caso do Brasil, o urânio é enriquecido para produzir energia elétrica. Eles fazem tudo isso em nome da segurança internacional, ou a segurança americana, que eles se denominaram os defensores da humanidade..

Neste início de Século XXI estamos presenciando o emprego de forças militares por alianças de países liderados pelos Estados Unidos da América com o motivo, por eles alegado, combater o terrorismo Mundial.

Como vimos no primeiro Capítulo, que a utilização de forças armadas só pode ocorrer com a autorização expressa da ONU, depois de esgotadas todas as tentativas de solução pacífica do conflito (Artigos 52 e 53). A invasão do Afeganistão e do Iraque pautaram pela ilegitimidade, primeiro, por que não caracterizou-se um agressão que justificou a legítima defesa. No caso do Afeganistão, a Guerra foi justificada com o exercício da legítima defesa dos Estados Unidos após os atentados de 11 de Setembro de 2001, mesmo que parte da rede terrorista Al-Qaeda estivesse abrigada pelo governo

taliban, não se poderia imputar a culpa pela agressão ao Estado Afegão, uma vez que os terroristas não agiram a serviço daquele Estado. Mas então por que a invasão “foi autorizada”? A comunidade Internacional movida pela comoção que os atentados causaram em todo o mundo, a postura extremamente contrária a todos os dispositivos de proteção aos direitos humanos por parte do governo afegão, a comunidade internacional aceitou um tanto passiva pelos motivos mencionados anteriormente, mesmo sem a autorização do Conselho de Segurança da ONU para tal invasão.

Já no caso do Iraque além de não ter tido nenhuma agressão, os Estados Unidos da América não conseguiram aprovar nenhuma resolução que legitimasse a invasão, não se pode justificar a Guerra como legítima defesa, ou mesmo definir qualquer ação do governo iraquiano como ameaçadora da paz internacional. Além disso, em nenhum dos dois casos houve uma declaração formal de Guerra, nem os Estados Unidos utilizam o termo “prisioneiro de Guerra” para todos que foram e são capturados tanto no Afeganistão como no Iraque e sim o termo “combatentes ilegais”. Desta forma, ocorreu sem a caracterização de legítima defesa e sem uma resolução da ONU que legitimasse a ação militar. Nos termos da Resolução 3317 ocorreu uma agressão por parte da aliança liderada pelos Estados Unidos tanto no Iraque como no Afeganistão.

Esses primeiros anos mostram o poder da potência hegemônica e seu fiel aliado o Reino Unido, baseado no poder militar, político, econômico e tecnológico, e na certeza da impunidade contra qualquer ato condenatório por parte da comunidade internacional, seja uma mera declaração, um embargo ou uma ação armada.

Tais potências colocam em xeque o sistema internacional duramente construído para prover uma maior segurança dos povos, mais infelizmente a ação belicista de maneira unilateral acaba por trazer mais insegurança por conta principalmente dos atentados terroristas, que aumentaram após 11 de Setembro de 2001, e por conta das invasões ao Afeganistão feitas pelos Estados Unidos, que tiveram represália em cima da Espanha da Indonésia, e de tantos outros, como arma dos que não tem condições de levar uma Guerra contra seus inimigo. Com a derrota na ONU os Estados Unidos passam por cima dela, e vão a guerra mesmo sem autorização e dizem que a organização só vai ter um papel na reconstrução, papel este que ela não teve no Timor Leste já que foi a ONU quem comandou a redemocratização do Timor liderada por Sérgio Vieira de Mello que tinha a mesma missão no Iraque só que desta vez a missão não foi concluída. No dia 19 de Agosto de 2003, mostrando mais uma vez que o terrorismo venceu, após este atentado os Estados Unidos perdem o controle do Iraque, uma população que não se entende por problemas tribais desde a época da Mesopotâmia, onde houveram muitos problemas para aprovar sua constituição que foi feita as pressas, e assim mesmo com o descontentamento de muitas tribos no Iraque existem pelo menos 100 tribos (ver as principais em anexo no 3), pelo menos 25 confederações tribais, e inúmeros clãs, é para muitas destas pessoas a sua identidade tribal e mais importante que sua cidade Iraquiana. Isto não e somente no Iraque mas em muitos países árabes, assim como na Jordânia, nos Emírados Árabes Unidos, Barhein, Oman e muitos outros. Ate no Líbano e na Síria que são considerados países mais ocidentalizados e assim, ou seja nunca se terá uma identidade um estado iraquiano de verdade sem a participação de todos, como já foi dito antes, Saddam Hussein

poderia, ser um criminoso de guerra e ter muitos problemas em seu governo mas ele mantinha uma certa ordem, e o povo o reconhecia como um líder, hoje com uma eleição programada para Janeiro de 2005 não se tem ordem no Iraque as pessoas não reconhecem seu “líder”, e para muitos, Saddam Hussein ainda é o grande líder da nação.

5. Conclusão

“Sem dúvida nenhuma os atentados de 11 de Setembro de 2001 são um acontecimento maior do que a queda do muro de Berlim”(Celso Lafer ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil 11 de Setembro de 2001 FIEP SP declaração dada ao jornal Hoje da Rede Globo de Televisão

Existem acontecimentos que passam a ser grandes marcos na história, os ataques contra os Estados Unidos em 11 de Setembro de 2001 são um desses fatos. Assim como o ataque a Pear Harbor, que como resposta teve um ataque com duas bombas atômicas a duas cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki, que deixou direta e indiretamente mais de 200.000 mortos. Até hoje a população japonesa sofre conseqüências destas bombas, e com certeza a humanidade também sofrerá com ataques de 11 de setembro de 2001, seja este sofrimento econômico, político, diplomático etc..

O mundo nunca mais será o mesmo sempre, ficará uma dúvida na cabeça de todas as pessoas principalmente “vítimas em potencial” (americanos, judeus etc..) será que o terror vai atacar hoje, só isto já é um sofrimento pois saber se você pode sair e não voltar mais, ou ir ao seu escritório e de repente ele desabar, ou pegar um metrô e saber se não explodirão a estação onde se irá descer, ou se você poderá voltar de uma noite na danceteria. Será que a humanidade está condenada pelo resto de sua existência? Este trabalho teve o objetivo de mostrar como o termo Segurança Internacional se redefiniu e como ele irá influenciar e está influenciando os governos em todo o mundo, como as Relações Internacionais foram afetadas e como suas teorias irão agir diante de crises como as ocorridas em Washington, Nova York, Bali, Rússia (Tanto em Moscou, como

em Beslan), Istambul, Madri ou em qualquer outro lugar do mundo. E também mostrar apesar do que se apresenta o islamismo não é uma religião violenta, ela não prega a violência, muito pelo contrário prega a paz. E muito menos, os árabes que são um povo pacífico, tem-se de lembrar que nem todo árabe é muçulmano nem todo muçulmano é Xiita (ala considerada mais radical no islamismo), nem todo Xiita é fanático e nem todo fanático é terrorista, é apenas uma minoria, que para árabes que vivem na Palestina que fazem a Jihad (Guerra santa que na época de Maomé era uma Guerra limpa, sem nenhum derramamento de sangue, para se conseguir novos fiéis. Essa Guerra se dava na forma de palavras e não na forma de lutas armadas), é possível sim, viver em paz com Judeus basta olharmos para o Brasil onde árabes e judeus muitas vezes são grandes amigos, isto é que dá esperança à muitas pessoas que lutam pela paz não só no Oriente Médio mas em várias partes do mundo. Volto neste trabalho a afirmar que com os atentados nos Estados Unidos em 11 de Setembro de 2001, somados a todos os acontecimentos mais recentes como em Casablanca, Riad, Istambul, Moscou, Haifa, Jerusalém, Espanha, Bali, Iraque, entre outros, só podem despertar repugnância e aversão, provam que a coalizão está perdendo a guerra contra o terrorismo.

Em relação as perguntas feitas durante este trabalho, os americanos fizeram inúmeros inimigos aqui citados e não citados, sua política de ajuda a Israel, a ocupação no solo sagrado (Arábia Saudita onde está localizada a cidade mais importante para o islamismo que é Meca), sua intervenções em vários países incitaram sim as represálias para 11 de Setembro. Quando Bin Laden assumiu a autoria dos atentados ele mencionou

todos estas razões justificando os atentados, como já falado aqui nada justifica uma barbárie destas.

Em relações aos realistas que hoje ditam a política Norte-americana, os Estados Unidos devem sim continuar a guerra ao terror, lembrando que a segurança internacional acima de tudo, durante oito anos o governo americano foi um governo idealista, sua política externa era de propagar a paz, negociar todos os conflitos possíveis, mas com a ascensão de um novo governo esta política ficou de lado, a partir de 11 de Setembro a negociação para acordos de paz e muito mais complicado, como no caso do Afeganistão onde não se houve uma negociação mesmo os Estados unidos não tendo legitimidade já que o Estado do Afeganistão não atacou os Estados unidos e sim o grupo Al-Qaeda.

Também ficou claro que os Realistas não reconhecem os outros atores não estatais como atores no cenário internacional, já que no caso do Iraque mesmo sem autorização da ONU os Estados Unidos intervém no Iraque deixando o país um caos, em plena guerra civil, com focos violentos de resistência.

Para Hans Morgenthau, o núcleo essencial das relações políticas é o conceito de poder, já que todos os Estados buscam mais poder no cenário internacional, e nesta visão os realistas dizem que só os fortes sobreviveram. Para os Realistas o mundo vive em constante conflito, onde é impossível se negociar já que todos os atores buscam mais poder. Já para os idealistas o mundo deveria ser um cenário de paz onde os todos os atores, deveriam viver em grande harmonia, e deveria se ter a negociação até se esgotar todas as possibilidades de negociação, se possível buscar ajuda de outro ator não estatal como por exemplo a ONU, caso não se consiga o acordo neste caso sim se usaria a força.

Espero que este trabalho tenha contribuído para o Estado da Segurança Internacional, e volto a ressaltar, que não pretendi defender nenhum dos lados. Este trabalho tentou ser o mais imparcial possível, e tentou não esgotar o assunto de Segurança Internacional, querendo que se possível abra-se um debate em torno deste tema importante para as Relações Internacionais.

6. Referências

6.1 Livros

ALI, Tariq Confronto de fundamentalismos, Cruzadas, Jihads e modernidade. Rio de Janeiro, Editora RECORD, 2002

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo, COMPANHIA DAS LETRAS, 2001.

KENNEDY, Paul. Ascensão e Queda das Grandes Potências ,Rio de Janeiro, EDITORA CAMPUS, 1989.

DAVID, Duke, O Waterloo de Israel? São Paulo, CONTRAPONTO, 2002

BODANSKY, Yossef, Bin Laden o Homem que Declarou Guerra à América, São Paulo PRESTIGIO, 2001.

CABRAL, Antônio, A Terceira Guerra Mundial, São Paulo, MODERNA, 1987

CREAGH, Ronald. O Dia em que o Mundo Mudou, São Paulo, IMAGINÁRIA, 2001

MELLO, Celso D. Albuquerque de, Direitos Humanos e Conflitos Armados, Rio de Janeiro, RENOVAR,1997

CHOMSKY, Noam, 11 de Setembro, Rio de Janeiro, BERTRAND BRASIL, 2002

WEYER, Robert Van de, O Islã e o Ocidente uma nova ordem política e religiosa pós-11de Setembro, São Paulo, LOYOLA , 2003

MAGNOLI, Demétrio, O mundo contemporâneo Relações Internacionais 1945 – 2000, São Paulo, MODERNA, 1996.

Organização das nações Unidas, Carta da Organização das Nações Unidas, Declaração Universal dos direitos Homem, Estatuto da Corte Internacional de Justiça, Rio de Janeiro, EDITORA RIO, 1978

SBARDELINI, Elizabeth T. Brunini Normas Técnicas Elaboração e Apresentação de trabalho Académico-Científico, Curitiba, UTP, 2003.

HUNTINGTON, Samuel P., O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial, Rio de Janeiro, OBJETIVA, 1997.

RODRIGUES, Simone Martins, Segurança Internacional e Direitos Humanos a Prática Intervenção Humanitária pós Guerra-Fria, São Paulo, RENOVAR, 2000

DOMINGUES, Thiago de Oliveira; NERGERBOM, Marcel Alexandre; HEERDT, Mauri Luiz, (org.) Relações Internacionais Temas contemporâneos, Florianópolis, FENERI, 2003

BUENO, Silveira, Minidicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, FTD, 1996

6.2 Periódicos

Revista Veja 19/09/2001

Revista Veja 26/09/2004

Revista Veja 03/10/2001

Revista Veja 10/10/2001

Revista Veja 17/10/2003

Revista Veja 12/12/2001

Revista Veja 26/12/2001
Revista Veja 17/03/2004
Revista Veja 10/04/2002
Revista Veja 11/09/2001
Revista Veja 05/02/2003
Revista Veja 26/02/2003
Revista Veja 23/07/2004
Revista Veja 08/09/2004
Revista Isto é 19/09/2001
Revista Isto é 26/09/2001
Revista Isto é 03/10/2001
Revista Isto é 10/10/2001
Revista Isto é 17/10/2001
Revista Isto é 26/12/2001
Revista Isto é 27/08/2003
Revista Isto é 17/03/2004
Revista Tudo 05/10/2001
Revista qual é o Assunto? Sem data N° 1 ano1

6.3 Fontes On line

<http://www.terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=42>

acessado em 15 de novembro de 2004

<http://www.terrorismo.embaixada-americana.org.br/?action=artigo&idartigo=19>

acessado em 15 de novembro de 2004

6.4 Trabalhos em eventos

VIANA, Alexandre Martins; de ARAÚJO, Thiago lima Quieroz, A doutrina do Nation Building, sucessos e insucessos em três casos reais: Afeganistão, Timor Leste e Iraque.in: In IX ENERI Encontro Nacional de Estudantes de Relações Internacionais, 2004, Florianópolis.

GASPAROTO, Ana Lúcia, Legitimidade da guerra no contexto Internacional, In II Congresso Brasileiro de Direito Internacional., 2004, Curitiba.

ELIAS, Fernando Lopez Ferraz, O Sistema de Segurança Coletiva Internacional Pós-Intervenção no Iraque, In II Congresso Brasileiro de Direito Internacional, 2004, Curitiba.

Giustina, Oswaldo Dalla, O Desenvolvimento e a Segurança Internacional, In IX ENERI Encontro Nacional de Estudantes de Relações Internacionais, 2004, Florianópolis.

DINIZ, Eugênio, Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo, In III Encontro Nacional da ABCP Associação Brasileira de Ciência Política 2002, Niterói.

6.5 Monografias Dissertações e Teses

VEIGA, Cathilene de Moraes, O Atentado de 11 de Setembro: Um Estudo Sobre a Nova face do Terrorismo Internacional no Século XXI, Curitiba, 41Monografia (Bacharel em

Relações Internacionais), - setor de Ciências Sociais aplicadas - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.

7. ANEXOS

Anexo 7.1

Discurso de 20 de Setembro de 2001

Casa Branca

Gabinete do Secretário de Imprensa 20 de setembro de 2001

Discurso Diante de uma Sessão Conjunta do Congresso e ao Povo

Senhor presidente da câmara, senhor presidente pro tempore, membros do Congresso e concidadãos americanos: No decorrer normal dos eventos, os presidentes vêm a esta câmara informar sobre o estado da União. Esta noite, tal relatório não é necessário. Ele já foi entregue pelo povo americano.

Nós o vimos na coragem dos passageiros, que avançaram sobre os terroristas para salvarem outros no solo — passageiros como um homem excepcional chamado Todd Beamer. E, por favor, unam-se a mim na saudação de sua esposa, Lisa Beamer, que está aqui esta noite. (Aplausos).

Nós vimos no estado de nossa União na persistência das equipes de resgate, que trabalham além da exaustão. Nós vimos no desfraldar de bandeiras, no acender de velas, na doação de sangue, no dizer de preces em inglês, hebraico e árabe. Nós vimos a decência de um povo carinhoso e caridoso que tornou a dor de estranhos a sua própria dor.

Concidadãos, nos últimos nove dias, o mundo todo viu por si próprio o estado de nossa União — e ele é forte. (Aplausos).

Esta noite, somos um país que despertou para o perigo e que foi chamado para defender a liberdade. Nossa dor transformou-se em ira, e nossa ira em resolução. Quer levemos nossos inimigos à justiça, quer levemos a justiça aos nossos inimigos, a justiça será feita. (Aplausos).

Agradeço o Congresso por sua liderança num momento tão importante. Toda a América foi tocada na noite da tragédia ao ver republicanos e democratas unidos nas escadarias deste Capitólio cantando “Deus abençoe a América” (God Bless América). E vocês fizeram mais do que cantar: vocês agiram ao entregar US\$ 40 bilhões para reconstruir nossas comunidades e atender às necessidades de nossos militares.

Ao presidente da Câmara Hastert, ao líder da minoria Gephardt, ao líder da maioria Daschle e ao senador Lott agradeço por sua amizade, por sua liderança e pelo seu serviço ao nosso país. (Aplausos).

E, em nome do povo americano, agradeço ao mundo por sua manifestação de apoio. A América nunca irá esquecer os sons de nosso hino nacional sendo executado no Palácio de Buckingham, nas ruas de Paris e no Portão de Brandenburgo em Berlim.

Não esqueceremos as crianças sul-coreanas reunindo-se para rezar diante de nossa embaixada em Seul, ou das preces de pesar realizadas numa mesquita no Cairo. Não esqueceremos os momentos de silêncio e os dias de luto na Austrália, na África e na América Latina.

Nem iremos esquecer os cidadãos de 80 outros países que morreram com os nossos: dezenas de paquistaneses, mais de 130 israelenses, mais de 250 cidadãos da Índia, homens e mulheres de El Salvador, Irã, México e Japão e centenas de cidadãos britânicos. A América não tem amigo mais verdadeiro do que a Grã-Bretanha. (Aplausos). Mais uma vez, unimo-nos numa grande causa —tão honrosa que o primeiro-ministro britânico atravessou um oceano para mostrar sua união de propósitos com a América. Obrigado por vir, amigo. (Aplausos).

Em 11 de setembro, inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra nosso país. Os americanos têm vencido guerras mas, nos últimos 136 anos, elas têm sido guerras em solo estrangeiro, exceto num domingo em 1941. Os americanos têm conhecido as baixas da guerra, mas não no centro de uma grande cidade e numa manhã pacífica. Os americanos têm conhecido ataques de surpresa —mas nunca antes contra milhares de civis. Tudo isto foi posto diante de nós num único dia —e a noite caiu sobre um mundo diferente, um mundo em que a própria liberdade está sob ataque. Os americanos têm muitas perguntas esta noite. Os americanos estão perguntando: Quem atacou nosso país? A evidência que temos reuniu todos os pontos num conjunto de organizações terroristas vagamente afiliadas e conhecidas como o Al Qaeda. Elas são formadas pelos mesmos assassinos indiciados pelos ataques a bomba às embaixadas americanas na Tanzânia e no Quênia e pelos responsáveis pelo ataque a bomba contra o USS Cole.

O Al Qaeda é para o terror o que a máfia é para o crime. Mas seu objetivo não é ganhar dinheiro —seu objetivo é refazer o mundo e impor suas crenças radicais sobre as pessoas em todo o lugar.

Os terroristas praticam uma forma marginal de extremismo islâmico que foi rejeitado pelos estudiosos muçulmanos e pela vasta maioria de religiosos muçulmanos — um movimento radical que perverte os pacíficos ensinamentos do Islã. A diretriz dos terroristas ordena que matem cristãos e judeus, que matem todos os americanos e que não façam distinção entre militares e civis, incluindo mulheres e crianças.

Este grupo e seu líder — uma pessoa chamada Osama Bin Laden— estão vinculados a muitas outras organizações em diferentes países, incluindo a Jihad Islâmica egípcia e o Movimento Islâmico do Uzbequistão. Há milhares desses terroristas em mais de 60 países. Eles são recrutados por suas próprias nações e regiões adjacentes e levados a campos em locais como o Afeganistão, onde são treinados nas táticas do terror. São enviados de volta para casa ou para se esconderem em países por todo o mundo para tramar o mal e a destruição. A liderança do Al Qaeda exerce uma grande influência no Afeganistão e apoia o regime Talibã no controle da maior parte desse país. No Afeganistão, nós vimos a visão do Al Qaeda para o mundo.

O povo do Afeganistão tem sido brutalizado — muitos estão passando fome e muitos fugiram. As mulheres não podem freqüentar a escola. As pessoas podem ser presas por possuírem uma televisão. A religião só pode ser praticada na forma ditada por seus líderes. Um homem pode ser preso no Afeganistão se sua barba não for comprida o bastante.

Os Estados Unidos respeitam o povo do Afeganistão. Afinal, nós somos atualmente sua maior fonte de ajuda humanitária, mas condenamos o regime Talibã. (Aplausos). Não só ele está reprimindo seu próprio povo como está ameaçando as pessoas em toda a parte, patrocinando, protegendo e fornecendo terroristas. Ao ser cúmplice do assassinato, o regime Talibã está cometendo assassinato.

Esta noite, os Estados Unidos da América fazem as seguintes exigências ao Talibã: Entreguem às autoridades dos Estados Unidos todos os líderes do Al Qaeda que se ocultam em sua terra. (Aplausos). Libertem todos os estrangeiros, inclusive cidadãos americanos, aprisionados injustamente. Protejam os jornalistas, diplomatas e funcionários humanitários em seu país. Fechem imediata e permanentemente todos os campos de treinamento terrorista no Afeganistão e entreguem cada terrorista e cada pessoa em sua estrutura de apoio às autoridades apropriadas. (Aplausos). Dêem aos Estados Unidos pleno acesso aos campos de treinamento terrorista de forma a nos assegurarmos de que os mesmos não estão mais operando.

Estas exigências não estão abertas a negociação ou discussão. (Aplausos). O Talibã deve agir, e agir imediatamente. Ou eles entregam os terroristas, ou eles terão o mesmo destino destes. Também quero falar esta noite diretamente aos muçulmanos de todo o mundo. Respeitamos sua fé. Ela é livremente praticada por muitos milhões de americanos e por milhões mais em países que a América conta como amigos. Seus ensinamentos são bons e pacíficos, e aqueles que praticam o mal em nome de Alá blasfemam o nome de Alá. (Aplausos). Os terroristas são traidores de sua própria fé, tentando, com efeito, apossar-se do Islã para si. O inimigo da América não são nossos

muitos amigos muçulmanos; não são nossos muitos amigos árabes. Nosso inimigo é uma rede radical de terroristas e cada governo que os apoia. (Aplausos). Nossa guerra contra o terror começa com o Al Qaeda, mas não termina aí. Ela não terminará até que cada grupo terrorista de alcance global tenha sido encontrado, paralisado e derrotado. (Aplausos).

Os americanos estão perguntando: Por que eles nos odeiam? Eles odeiam o que vemos precisamente aqui nesta câmara —um governo eleito democraticamente, já que seus líderes são autodesignados. Eles odeiam nossas liberdades —nossa liberdade de religião, nossa liberdade da palavra, nossa liberdade de votar e de reunião e de discordarmos entre nós.

Eles querem derrubar os governos existentes em muitos países muçulmanos, como os do Egito, Arábia Saudita e Jordânia. Eles querem expulsar Israel do Oriente Médio. Eles querem expulsar cristãos e judeus de vastas regiões da Ásia e da África. Esses terroristas matam não meramente para pôr fim a vidas, mas para abalar e pôr fim a um modo de vida. Com cada atrocidade, eles esperam que a América fique temerosa, afastando-se do mundo e esquecendo nossos amigos. Eles se levantam contra nós porque estamos em seu caminho.

Não nos enganamos com suas pretensões de piedade. Já vimos o seu tipo antes. Eles são os herdeiros de todas as ideologias assassinas do século XX. Ao sacrificar a vida humana para servirem às suas visões radicais —ao abandonarem cada valor exceto a vontade de chegar ao poder— eles seguem o caminho do fascismo, do nazismo e do totalitarismo. E eles seguirão esse caminho até o fim, até onde isso leva: ao túmulo não marcado das mentiras descartadas da história. (Aplausos).

Os americanos estão perguntando: Como iremos combater e ganhar esta guerra? Iremos envidar todos os recursos sob nosso comando —todo recurso da diplomacia, cada ferramenta da inteligência, cada instrumento da aplicação da lei, cada influência financeira e cada arma de guerra que seja necessária— para o desbaratamento e para a derrota da rede do terror global.

Esta guerra não será como a guerra contra o Iraque realizada há uma década, com uma libertação decisiva de território e uma rápida conclusão. Ela não irá se assemelhar à guerra aérea sobre o Kosovo há dois anos, onde não foram usadas tropas terrestres e onde nem uma única vida americana foi perdida em combate. Nossa resposta envolve muito mais do que a retaliação instantânea e ataques isolados. Os americanos não devem esperar uma batalha, mas uma campanha prolongada, uma campanha como nenhuma outra que já vimos. Ela poderá incluir ataques dramáticos, visíveis na televisão, e operações encobertas, secretas até mesmo em seu sucesso. Iremos minguar os terroristas de fundos, voltá-los uns contra os outros, tangi-los de um lugar para outro até que não haja refúgio ou descanso. E iremos perseguir as nações que proporcionam ajuda ou abrigo seguro ao terrorismo. **Cada nação, em cada região, tem agora uma decisão a tomar: ou vocês estão conosco ou vocês estão com os terroristas.** (Aplausos). A partir deste dia, qualquer nação que continuar a abrigar ou apoiar o terrorismo será considerada pelos Estados Unidos um regime hostil.

Nossa nação foi advertida: Não somos imunes a ataques. Iremos tomar medidas defensivas contra o terrorismo para proteger os americanos. Hoje, dezenas de departamentos e agências federais, além dos governos estaduais e locais, possuem

responsabilidades que afetam a segurança da nação. Esses esforços devem ser coordenados ao nível mais alto. Assim, esta noite anuncio a criação de uma posição a nível de gabinete que prestará contas diretamente a mim —o Gabinete de Segurança Nacional.

E esta noite também anuncio um preeminente americano para liderar este esforço, para fortalecer a segurança americana: um veterano militar, um governador eficaz, um verdadeiro patriota, um amigo de confiança —Tom Ridge, da Pensilvânia. (Aplausos). Ele irá liderar, supervisionar e coordenar uma abrangente estratégia nacional para salvaguardar nosso país contra o terrorismo e responder a qualquer ataque que possa vir. Essas medidas são essenciais. Mas a única maneira de derrotar o terrorismo como ameaça ao nosso modo de vida está em paralisá-lo, eliminá-lo e destruí-lo onde quer que ele medre. (Aplausos).

Muitos estarão envolvidos neste esforço, de agentes do FBI a agentes da inteligência e os reservistas que convocamos para o serviço ativo. Todos merecem os nossos agradecimentos e todos estão em nossas orações. E esta noite, a uns poucos quilômetros do Pentágono danificado, tenho uma mensagem aos nossos militares: estejam prontos. Convoquei o alerta para as Forças Armadas e há um motivo para tanto. A hora em que a América irá agir está chegando e vocês nos enchem de orgulho (Aplausos). Entretanto, esta não é apenas a luta da América. E o que está em jogo não é apenas a liberdade da América. Esta é a luta do mundo. Esta é a luta da civilização. Esta é a luta de todos aqueles que acreditam no progresso e no pluralismo, na tolerância e na liberdade.

Pedimos a cada país que se una a nós. Iremos pedir e iremos precisar da ajuda de forças policiais, de serviços de inteligência e de sistemas bancários de todo o mundo. Os Estados Unidos estão gratos pelo fato de que muitas nações e muitas organizações internacionais já responderam —com simpatia e com apoio. Nações da América Latina, da Ásia, da África, da Europa e do mundo islâmico. Talvez o estatuto da OTAN reflita melhor a atitude do mundo: um ataque contra um é um ataque contra todos.

O mundo civilizado está se perfilando ao lado da América. Ele compreende que, se este terror ficar impune, suas próprias cidades e seus próprios cidadãos poderão ser os próximos. O terror não respondido não só pode derrubar edifícios como pode ameaçar a estabilidade de governos legítimos. E sabem de uma coisa? Não iremos permitir isso. (Aplausos).

Os americanos estão perguntando: O que se espera de nós? Eu lhes peço que vivam suas vidas e que abracem seus filhos. Sei que muitos cidadãos têm receios esta noite e peço-lhes que fiquem calmos e resolutos, mesmo em face de uma ameaça contínua.

Peço-lhes que mantenham os valores da América e que se lembrem por que tantos vêm para cá. Estamos numa luta por nossos princípios e nossa primeira responsabilidade reside em viver segundo eles. Ninguém deve ser discriminado para receber tratamento injusto ou palavras duras devido à sua origem étnica ou fé religiosa. (Aplausos).

Peço-lhes que continuem a apoiar as vítimas desta tragédia com suas contribuições. Os que desejarem contribuir podem dirigir-se à fonte central de informações, libertyunites.org, onde encontrarão os nomes de grupos que estão fornecendo ajuda direta

em Nova York, na Pensilvânia e na Virgínia. Os milhares de agentes do FBI que estão atualmente trabalhando nesta investigação poderão necessitar de sua cooperação e peço-lhes que a dêem.

Peço-lhes que tenham paciência com os atrasos e inconvenientes que poderão acompanhar uma segurança mais rígida, e paciência naquilo que será uma longa luta.

Peço-lhes que continuem participando e confiando na economia americana. Os terroristas atacaram um símbolo da prosperidade americana. Eles não tocaram sua fonte. A América é bem sucedida devido ao trabalho árduo, à criatividade e ao espírito empreendedor de nosso povo. Essas eram as verdadeiras forças de nossa economia antes de 11 de setembro e continuam sendo nossas forças hoje. (Aplausos).

E, finalmente, continuem rezando pelas vítimas do terror e por suas famílias, por aqueles em uniforme e por nosso grande país. A prece nos tem confortado no pesar e Irã ajudar a nos fortalecer na jornada que temos pela frente.

Esta noite, agradeço aos compatriotas americanos pelo que já fizeram e pelo que irão fazer. E, senhoras e senhores do Congresso, eu lhes agradeço, agradeço a seus representantes pelo que já fizeram e pelo que iremos fazer juntos.

Esta noite, enfrentamos novos e súbitos desafios nacionais. Iremos nos unir para melhorar a segurança aérea, para expandir drasticamente o número de oficiais do ar nos vãos domésticos e dotar novas medidas para impedir seqüestros. Iremos nos unir para promover a estabilidade e manter nossas aeronaves voando, com assistência direta durante esta emergência. (Aplausos).

Iremos nos unir para dar à aplicação da lei as ferramentas adicionais requeridas para rastrear o terror neste país. (Aplausos). Iremos nos unir para fortalecer a capacidade de nossa inteligência, para conhecer os planos dos terroristas antes que eles ajam e para encontrá-los antes que ataquem. (Aplausos).

Iremos nos unir para adotar medidas ativas que fortaleçam a economia da América e ponham nosso povo de volta ao trabalho.

Esta noite, damos as boas-vidas a dois líderes que incorporam o espírito extraordinário de todos os nova-iorquinos: o governador George Pataki e o prefeito Rudolph Giuliani. (Aplausos). Como símbolo da resolução americana, meu governo Irã trabalhar com o Congresso e esses dois líderes para mostrar ao mundo que iremos reconstruir Nova York. (Aplausos).

Após tudo o que acabou de ocorrer —todas as vidas ceifadas e todas as possibilidades e esperanças que morreram com elas— é natural imaginar se o futuro da América é um futuro de medo. Alguns falam de uma era do terror. Sei que há lutas pela frente e perigos a enfrentar. Mas é este país que Irã definir nossas eras e não ser definido por elas. Enquanto os Estados Unidos da América estiverem determinados e forem fortes, esta não será uma era do terror, esta será uma era de liberdade, aqui e em todo o mundo. (Aplausos).

Um grande dano nos foi infligido. Sofremos uma grande perda. E, em nossa dor e ira, encontramos nossa missão e nosso momento. A liberdade e o medo estão em guerra. O avanço da liberdade humana —a grande realização de nossa época e a esperança de cada época— agora depende de nós. Nossa nação —esta geração— Irã afastar uma

tenebrosa ameaça de violência de nosso povo e de nosso futuro. Iremos reunir o mundo em torno desta causa pelos nossos esforços, pela nossa coragem. Não iremos esmorecer, não iremos vacilar, não iremos fracassar. (Aplausos).

É minha esperança de que nos meses e anos à frente a vida retorne quase ao normal. Voltaremos às nossas vidas e às nossas rotinas, e isso é bom. Mesmo a dor refluí com o tempo e com a graça. Mas nossa resolução não irá passar. Cada um de nós irá lembrar o que aconteceu naquele dia e para quem aquilo aconteceu. Iremos lembrar o momento em que a notícia chegou —onde estávamos e o que estávamos fazendo. Alguns irão lembrar-se de uma imagem de fogo, de uma estória de salvamento. Alguns irão carregar consigo as lembranças de um rosto e de uma voz que se foram para sempre.

E eu levarei isto comigo: o distintivo policial de um homem chamado George Howard, que morreu no World Trade Center tentando salvar outros. Esse distintivo me foi dado por sua mãe, Arlene, como uma orgulhosa lembrança de seu filho. Este é meu lembrete das vidas que terminaram e de uma tarefa que não termina. (Aplausos).

Não irei esquecer esta ferida imposta ao nosso país ou aqueles que a infligiram. Não irei ceder; não irei descansar; não irei esmorecer nesta luta pela liberdade e pela segurança do povo americano.

O curso deste conflito não é conhecido e, contudo, seu resultado é certo. A liberdade e o medo e a justiça e a crueldade sempre estiveram em guerra e sabemos que Deus não é neutro entre eles. (Aplausos). Concidadãos, iremos enfrentar a violência com paciente justiça —certos do direito de nossa causa e confiantes das vitórias que virão. Em

tudo o que está diante de nós, que Deus nos conceda sabedoria e que zele pelos Estados Unidos da América.

Obrigado. (Aplausos).

fim do texto

Anexo 7.2

11 de Setembro de 2001

Pronunciamento do Presidente Bush à Nação

Casa Branca

Gabinete do secretário de imprensa 11 de setembro de 2001

Declaração do Presidente em Seu Pronunciamento à Nação

O presidente: Boa noite. Hoje, nossos compatriotas, nosso estilo de vida e nossa própria liberdade foram atacados em uma série de deliberados e mortais atos terroristas. As vítimas estavam nos aviões ou em seus escritórios; secretárias, homens e mulheres de negócio, militares e funcionários federais; mães e pais, amigos e vizinhos. Milhares de pessoas tiveram suas vidas subitamente interrompidas por diabólicos e vis atos de terror.

As imagens de aviões chocando-se contra edifícios, de incêndios, do colapso de gigantescas estruturas nos deixaram incrédulos e fomos tomados por uma terrível tristeza e uma raiva silenciosa e inflexível. Estes atos de assassinato em massa pretendiam amedrontar nosso país, provocando o caos e fazendo com que nos intimidássemos. Mas eles falharam; nosso país é forte.

Um grande povo mobiliza-se para defender uma grande nação. Os ataques terroristas podem abalar as estruturas de nossos arranha-céus mas não podem atingir as

estruturas da América. Estes atos podem ter destruído as vigas de aço mas eles não conseguirão vergar a determinação americana. A América foi alvo dos ataques pois somos o mais radiante farol da liberdade e da oportunidade no mundo. E ninguém impedirá esta luz de brilhar.

Hoje nossa nação viu o mal, o pior aspecto da natureza humana. E nós respondemos com aquilo que a América tem de melhor – com a coragem de nosso pessoal de resgate, com a atenção em relação a estranhos e vizinhos que vieram doar sangue e ajudar da melhor maneira possível.

Imediatamente após o primeiro ataque, implementei os planos emergências de resposta de nosso governo. Nossas forças armadas são poderosas e estão preparadas. Nossas equipes de emergência estão trabalhando na cidade de Nova York e em Washington, D.C. para auxiliar nos esforços locais de resgate.

Nossa primeira prioridade é ajudar os feridos e tomar todas as precauções para proteger nossos cidadãos, dentro do país e no exterior, contra outros ataques.

As funções de nosso governo continuam sem interrupção. Os escritórios federais em Washington que tiveram que ser evacuados hoje serão reabertos para funcionários essenciais esta noite e estarão funcionando normalmente amanhã. Nossas instituições financeiras permanecem fortes e a economia americana também funcionará.

Estão em andamento as buscas pelos responsáveis por estes atos diabólicos. Direcionei todos os recursos de nossos serviços policiais e de inteligência para encontrar os responsáveis e levá-los à justiça. Não faremos qualquer distinção entre os terroristas que cometeram estes atos e aqueles que os abrigam.

Fico extremamente grato aos membros do Congresso que uniram-se a mim para condenar duramente estes ataques. E em nome do povo americano, eu agradeço aos numerosos líderes mundiais que ligaram para oferecer suas condolências e ajuda.

A América e nossos amigos e aliados unem-se a todos aqueles que desejam paz e segurança no mundo e ficaremos juntos para vencer a guerra contra o terrorismo. Esta noite, peço que rezem por todos aqueles que estão sofrendo, pelas crianças cujos mundos foram abalados, por todos aqueles cuja noção de segurança e proteção foi ameaçada. E peço para que eles encontrem conforto em uma força superior a qualquer um de nós, uma força cujas palavras nos chegam através dos tempos na forma do Salmo 23: "Ainda que eu caminhe pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum pois Tu estás comigo". Hoje é um dia em que todos os americanos estão unidos em sua determinação por justiça e paz. A América já derrotou inimigos antes e voltaremos a fazê-lo desta vez. Nenhum de nós jamais esquecerá este dia. Mesmo assim, continuaremos a defender a liberdade e tudo aquilo que é bom e justo em nosso mundo.

Obrigado. Boa noite e que Deus abençoe a América.

Anexo 7.3

Lista com os principais tribos iraquianas

Al Jubour

Al Sawaeid

Unizzah

Al Zubaid

Al Dufeer

Al Samarraiy

Al Rabih

Al Dury

Shamar

Al Muntafiq

Al Jannabi

Dulain

Fonte Revista Veja 23 de Julho de 2004 pg. 84